



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**REPRESENTAÇÃO DO MIGRANTE SULAMERICANO
PELA IMPRENSA BRASILEIRA:
O CASO DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS**

FLÁVIO MARTINS AGUILA

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**REPRESENTAÇÃO DO MIGRANTE SULAMERICANO
PELA IMPRENSA BRASILEIRA:
O CASO DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

FLÁVIO MARTINS AGUILA

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Coorientador: Prof. Ms. Otávio Cezarini Ávila

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

AGUILA, Flávio Martins.

Representação do migrante sulamericano pela imprensa brasileira: o caso dos refugiados venezuelanos. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Mohammed ElHajji

Coorientador: Otávio Ávila Cezarini

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Representação do migrante sulamericano pela imprensa brasileira: o caso dos migrantes venezuelanos**, elaborada por Flávio Martins Aguila.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof.º Dr. Mohammed ElHajji
Pós-doutorado em Mídia e Migrações pela UNISINOS
Departamento de Teoria da Comunicação - UFRJ

Coorientador: Prof.º Ms. Otávio Cezarini Ávila
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Prof.º Dr.º Paulo César Castro de Sousa
Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ
Departamento de Expressões e Linguagens (DEL) - UFRJ

Prof.ª Dr.ª Marialva Barbosa
Doutora em História pela UFF
Departamento de Expressão e Linguagens (DEL) - UFRJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu pai Froilan Carlos Aguila Gutierrez, que em certo momento de sua vida teve que deixar sua terra mãe e migrar, sem saber ao certo o que esperar da vida.

Dedico este trabalho às pessoas que compõem a segunda geração de migrantes de qualquer nacionalidade, porém em especial aos de família latino-americana que assim como eu e minhas irmãs tentamos permanecer conectados às nossas raízes e conscientes de uma memória que diariamente tenta ser apagada.

Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que em algum momento tiveram que migrar e reestruturar suas vidas em um outro território, apesar das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai Froilan Carlos Aguila Gutierrez e à minha mãe Edil Martins que me deram incentivos para completar esse curso e conseguir meu diploma.

Agradeço também ao meu coorientador Otávio Ávila por me guiar durante todo o processo de produção deste trabalho.

Por último agradeço aos meus grandes amigos Amanda Scatolini, Fábio Pessoa, Filipe Augusto, Marília Garcia e Rodrigo Gonçalves que me acompanharam e me deram forças durante toda minha jornada na UFRJ.

AGUILA, Flávio Martins. **Representação do migrante sulamericano pela imprensa brasileira: o caso dos refugiados venezuelanos**. Orientador: Mohammed ElHajji. Coorientador: Otávio Cezarini Ávila. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar de que forma o migrante sulamericano é percebido na imprensa brasileira. Estudar de que forma o veículo *Folha de S. Paulo* retratou os migrantes venezuelanos durante o ano de 2018. Serão analisadas um total de 5 matérias publicadas entre janeiro e dezembro de 2018 e analisar-se-á os discursos, as ideias e narrativas apresentadas nestas matérias. Analisar de que modo os fluxos migratórios se construíram nacional e internacionalmente, entender qual a importância da imprensa na construção de estereótipos e como historicamente ela ajudou a construir identidade(s) nacionais. Estudar de que forma o migrante branco foi inserido na nossa sociedade e comparar esse quadro com a recepção dos migrantes não-brancos. A análise traz à luz inconsistências narrativas presentes no próprio veículo, aliadas a ideias que sedimentam estereótipos ligados historicamente à países do sul-global e dos demais países subdesenvolvidos que migram.

Palavras-chave: jornalismo; migração; notícia; Venezuela; América do Sul.

AGUILA, Flávio Martins. **Representación de lo migrante sudamericano en la prensa brasileña: el caso de los refugiados venezolanos**. Asesor: Mohammed ElHajji. Co Asesor: Otávio Cezarini Ávila. Monografía (Graduación en Comunicación Social – Periodismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo se percibe al migrante sudamericano en la prensa brasileña. Para estudiar cómo el vehículo de *Folha de S. Paulo* retrató a los migrantes venezolanos durante 2018. Se analizarán un total de 5 artículos publicados entre enero y diciembre de 2018 y se analizarán los discursos, ideas y narrativas presentados en estos artículos periodísticos. Analizar cómo se construyeron los flujos migratorios a nivel nacional e internacional, comprender la importancia de la prensa en la construcción de estereotipos y cómo históricamente ha ayudado a construir identidad (s) nacional (es). Estudiar cómo se introdujo el migrante blanco en nuestra sociedad y comparar esta imagen con la recepción de los migrantes no blancos. El análisis saca a la luz las inconsistencias narrativas presentes en el propio vehículo, junto con ideas que sedimentan los estereotipos históricamente vinculados a los países del Sur global y los otros países subdesarrollados que migran.

Palabras llave: periodismo; migración; noticia; Venezuela; América del Sur.

SUMÁRIO

1. Introdução

2. Migrações transnacionais no mundo

2.1. Migrações sul-sul

2.2. Migrações regionais sulamericanas

3. Migrações transnacionais no Brasil

3.1. Migrações europeias e o projeto de embranquecimento do Brasil

3.2. Migrações dos países do sul global, China e Síria para o Brasil

3.3. Migrações dos países do sul global para o Brasil (Argentina, Uruguai e Chile)

4. A Constituição da identidade nacional no Brasil

4.1. Um país colonial

4.2. O lugar do negro e do índio

4.3. O papel da língua

5. Os refugiados venezuelanos

5.1 Histórico recente

5.2. Conflitos na fronteira

6. Estudo de caso

6.1 Recorte

6.2 Metodologia

6.3 Análise

7. Conclusão

8. Referências Bibliográficas

9. Anexos

9.1. ANEXO A – Conflitos e doenças são comuns em abrigos

9.2. ANEXO B – Da fome ao medo

9.3. ANEXO C – Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em RR

9.4. ANEXO D – Migrantes vivem cotidiano de fome, preconceito e violência

9.5. ANEXO E – Refugiados trabalham por menos que salário mínimo em Roraima

1. Introdução

Enquanto membro da segunda geração de uma família migrante boliviana, me deparei em determinados momentos da minha vida, ao mencionar minha ascendência, com reações que nem sempre correspondiam ao meu entendimento de o que é ser parte de uma família migrante. Sua família trabalha com costura? São aqueles que tocam flauta no centro da cidade? Têm envolvimento com tráfico de drogas? Essas situações fizeram com que eu me questionasse qual é o critério que faz com que as pessoas considerem migrantes de famílias vindas de regiões da África, de algumas regiões da Ásia e da América Latina motivo de chacota e menosprezo enquanto ser descendente de migrantes europeus é motivo de pompa e status social, ainda que apenas o tataravô dessas pessoas tenha sido neto de italianos.

Não cabe generalizar, até por que existem muitas outras pessoas que se interessam positivamente pela questão da migração boliviana, mas que muitas vezes também caem na estereotipação do país ou do indivíduo. Dito isto, a proposta deste trabalho é analisar justamente como se dá a construção da imagem do migrante sulamericano dentro do Brasil. Fazer esse recorte regional da América do Sul é necessário para que seja possível analisar um grupo mais ou menos homogêneo de países que conversem entre si e possam ser analisados. Os países da América Central e do Caribe, por exemplo, tem questões mais específicas e que merecem também ser tratadas mais a fundo em um outro trabalho. Para entendermos melhor, é necessário fazer um estudo de como as várias etapas pelas quais o Brasil passou durante esses anos foram construindo cenários de exclusão, inclusão e formação de identidade(s).

Para que seja possível um estudo minimamente aprofundado e que corresponda também a um momento atual do nosso continente, decidi que o recorte do tema a ser estudado será a representação do migrante venezuelano na imprensa brasileira. O país já emitiu mais de 4 milhões de pessoas para fora, incluindo para o Brasil que se configura como um dos quatro países com maior contingente de refugiados venezuelanos no mundo. Serão analisados um conjunto de cinco matérias do jornal Folha de S.Paulo, publicadas nos cadernos “Mundo”, “Cotidiano” e “Poder” durante o ano de 2018. A decisão de falar sobre a questão da comunicação, mais especificamente do jornalismo, se deu por considerar que esse tipo de linguagem é de alcance muito grande e tem grande credibilidade entre os seus leitores.

Dadas essas explicações, definimos que os objetivos desse trabalho são verificar de qual forma o migrante sulamericano é percebido pelos grandes veículos nacionais, analisar de

que modo os fluxos migratórios se constituíram nacional e internacionalmente e entender a importância da imprensa na construção de estereótipos e da sua capacidade de criar identidades nacionais. Estudaremos as situações explícitas e os resquícios de ideias racistas, eugenistas e branqueadoras que estavam incrustados nos textos jornalísticos brasileiros do passado e veremos também se é possível identificá-los hoje em dia. Este trabalho se justifica também por contribuir na identificação de ideais que estão em desarmonia com o campo dos direitos humanos nos veículos jornalísticos impressos e auxilia diretamente para o campo da comunicação, uma vez que contribui para a construção de um jornalismo mais humano e livre de preconceitos.

O material a ser analisado foi selecionado a partir da plataforma da própria Folha de S.Paulo, que disponibiliza de forma gratuita todo seu acervo impresso e virtual para a consulta de qualquer pessoa que esteja interessada. É importante ressaltar que todas as matérias a serem analisadas fazem parte do acervo impresso. Será usado o método de análise do discurso para conseguir reconhecer narrativas que possam servir como resposta para nossa questão inicial.

No primeiro capítulo, intitulado “Migrações transnacionais no mundo”, analisaremos de que modo os movimentos internacionais de migração se configuram atualmente. Alguns relatórios das Nações Unidas e de outros órgãos nos ajudarão a entender, a partir de dados, como se configuram as rotas entre países do sul global e por quais motivos os contingentes de pessoas que optavam pelas rotas clássicas de migração estão aderindo às novas possibilidades. Pretende-se investigar de qual forma essas pessoas estão se reorganizando regionalmente, como no caso também da América do Sul, para suprir suas necessidades e se estabelecer fora de seus países de origem.

No segundo capítulo, “Migrações transnacionais no Brasil”, estudaremos de que forma se estabeleceram historicamente as migrações internacionais direcionadas ao Brasil e iremos abordar a questão racial e identitária. As migrações europeias e o processo de embranquecimento, migrações de países sulamericanos no contexto de ditaduras militares e o contingente de pessoas vindas de outras regiões como Ásia, Oriente Médio e África serão algumas temáticas que permearão este capítulo, que terá como base teórica principal o pesquisador Gustavo Barreto e seu estudo sobre a relação da mídia com a migração entre 1808 e 2015.

O terceiro capítulo “A constituição da identidade nacional no Brasil” será o momento em que a questão racial e identitária será posta para estudo e análise mais a fundo. Com os

textos de Darcy Ribeiro e Lilia Schwarcz, veremos de que forma o Brasil vai trazer as teorias de eugenia e racismo, que estavam em voga na Europa no final do século XIX, para a realidade de um brasileiro já quase que inteiramente miscigenado. Iremos analisar de qual forma a questão do racismo, aliado ao preconceito de classe, acabou criando as bases de uma sociedade que até hoje mantém o negro, o mestiço e o índio em situações marginalizadas e os mantendo em territórios geograficamente demarcados dentro de uma cidade, por exemplo, como é o caso das favelas. Esse momento também será destinado a entender os esforços empenhados em construir uma identidade puramente brasileira e de que modo as heranças da colonização e da escravidão afetaram isso.

O quarto capítulo, “Os refugiados venezuelanos” será voltado para nos aproximarmos do nosso objeto de estudo e entendê-lo melhor. Desde 2014, o nosso vizinho no Norte passa por uma crise política e econômica ocasionada primeiramente por uma queda brutal do preço do petróleo no mercado mundial, depois agravado por questões políticas envolvendo o governo Maduro, e pelo conjunto de países neoliberais que pressionam e limitam comercialmente a Venezuela. Veremos de que forma são recebidos os migrantes venezuelanos no Brasil e quais são os nossos aparatos para lidar da melhor forma com esse novo contingente de pessoas. Falaremos sobre alguns conflitos que ocorreram nas cidades fronteiriças, como Pacaraima (RR) e sobre como o cenário da política nacional e internacional, que passa por uma fase de fechamento de fronteiras e ascensão de muros, acaba impulsionando algumas atitudes agressivas e xenófobas nos cidadãos brasileiros.

O último capítulo, “Estudo de caso” trata da análise em si e do coração do trabalho, quando serão enfim analisadas as matérias. As publicações selecionadas correspondem ao período entre janeiro e dezembro de 2018. O critério utilizado para a escolha do ano foi a realização das eleições para presidente que aconteceram na Venezuela nesse período. Paralelamente, estava acontecendo o processo eleitoral no Brasil e é interessante ver como duas eleições que provocaram tanta polaridade nos cidadãos acabam sendo refletidas no meio jornalístico. Enquanto um presidente tenta se reeleger para mais um mandato e outro presidente grita aos quatro ventos que o Brasil não pode “virar uma Venezuela”. O método utilizado para a análise do discurso vai se basear basicamente nos autores Foucault e Fairclough. Serão analisados elementos presentes nos textos e nas imagens selecionadas que indiquem alguma narrativa possivelmente problemática.

As referências ficarão divididas entre textos mais teóricos e a consulta a documentos e relatórios que comprovem tanto alguns fenômenos atuais quanto alguns documentos

antigos, para que seja possível a comparação de eventuais mudanças no cenário migratório tanto no Brasil quanto no mundo.

A partir desse estudo, será possível compreender de que modo o migrante sulamericano é percebido no Brasil, o que é uma questão que permeia a vida tanto de migrantes da primeira geração, quanto da segunda. As duas tentam entender melhor o lugar que ocupam no mundo e de qual forma é possível construir sua própria identidade enquanto se estabelecem em um ponto de intersecção entre duas nações. Para isso, é necessário analisar como os meios de comunicação atuam na formação de ideias e discursos que transpassam nosso cotidiano.

2. Migrações transnacionais no mundo

Normalmente a população que migra em busca de melhores condições de vida tende a seguir um fluxo para países cujo mercado seja mais incrementado, por isso geralmente as rotas de pessoas que saem de países em desenvolvimento rumo a países desenvolvidos economicamente se constituem como mais comuns. Enquanto nos fluxos de refugiados, o fator que mais conta é a proximidade para que as situações de adversidades sejam superadas, como é o caso dos somalis no Quênia, dos venezuelanos na Colômbia ou dos sírios no Líbano.

Durante o ano de 2018, viu-se nos noticiários as grandes caravanas com multidões de pessoas que se formaram em países da América Central como Honduras, Guatemala e El Salvador e que tinham como objetivo chegar aos EUA. O que vimos também foi uma grande quantidade de pessoas que chegaram até a fronteira e se depararam com muros, ou barreiras policiais, como aconteceu nas tentativas de retenção da população migrante ainda no território mexicano. Os países da América Central em questão estão entre os mais violentos do mundo, segundo dados do Estudo Global Sobre Homicídios de 2013¹, feito pelas Nações Unidas, e as pessoas que deixam esses países fogem da violência, da ação de gangues, de guerras civis e da fome. Muitos componentes dessas caravanas acabaram por se abrigar no México, ao se verem barrados pela política anti-imigrante de Donald Trump e sua polícia especializada em "caçar migrantes" a ICE (Immigration and Customs Enforcement). A partir das consequências da crise econômica mundial iniciada em 2008 aliada ao movimento de fechamento de fronteiras em vários países da América do Norte e da Europa é possível vermos um incremento do movimento mundial de migração entre os próprios países do sul global.

2.1. Migrações sul-sul

Antes de apresentar os números vamos conceituar alguns termos que nos acompanharão por quase todo o trabalho. Primeiramente, a ideia de norte e sul global: denomina-se sul global os países que passaram por processos de colonização ou

¹ Disponível em: <<https://www.unodc.org/unodc/en/press/releases/2014/April/some-437000-people-murdered-worldwide-in-2012-according-to-new-unodc-study.html>> acesso em 12 out, 2019

neocolonização e que hoje são denominados subdesenvolvidos (social e economicamente)². É importante dizer que estes países não ficam estritamente abaixo da Linha do Equador, assim como os países que são do norte global, que historicamente são os países colonizadores e neocolonizadores, não ficam restritos ao hemisfério norte.

Outra questão importante para conceituar são as diferenças entre "imigrante", "migrante" e "refugiado". Segundo o "Guia das Migrações Transnacionais e da Diversidade Cultural para Comunicadores - Migrantes no Brasil" de Denise Cogo e Maria Badet, "imigrante" se refere à uma pessoa que faz o movimento de entrada em um lugar que não é de sua origem, já o "migrante" é um termo mais abrangente e que segundo as pesquisadoras transmite de forma mais completa "as múltiplas dimensões que marcam as migrações contemporâneas em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais" (COGO; BADET 2013). Seguindo sugestão das próprias autoras o termo utilizado por todo o presente trabalho será apenas "migrante", por considerar o aspecto de constante mudança e reorganização que pode levar uma pessoa a se movimentar sobre o planeta.

Por último, temos o termo "refugiado". A Convenção de 1951 relativa ao Estatuto de Refugiados prevê que toda pessoa "temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, que se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não querer valer-se da proteção desse país" (Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951, art. 1º A, e seu Protocolo de 1967). No Brasil a legislação dá o estatuto de refugiado às pessoas que são obrigadas a deixar seu país por conta de violação de direitos humanos, e por isso podem buscar condições melhores de vida em outro território (Lei 9474/97, artigo 1º, inciso III). Uma boa quantidade de haitianos migrou para o Brasil por volta de 2010 por conta das consequências do terremoto de sete pontos na escala Richter que atingiu o país. Segundo o Estatuto de Refugiados de 1951 essas pessoas não seriam considerados refugiados por não se enquadrarem nas categorias propostas, mas segundo a legislação brasileira os haitianos seriam considerados refugiados, já que se enquadram na categoria de pessoas que têm seus direitos violados e buscam por melhores condições de vida.

Durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, nos dias 3 e 4 de outubro de 2013 aconteceu, o segundo Diálogo de Alto Nível sobre Migração Internacional e

² Colonial e Neocolonial: o primeiro surge a partir de um contexto absolutista europeu, centrado no capitalismo comercial e mercantil enquanto o segundo está mais ligado à revolução industrial e ao capitalismo financeiro e monopolista.

Desenvolvimento. A partir desse evento elaborou-se um documento que apresentava a relação das migrações internacionais e o desenvolvimento das nações, intitulado "Migração Mundial em Números".

Segundo o documento, em 2013 existiam cerca de 232 milhões de migrantes internacionais espalhados pelo mundo. Durante a década de 1990 existiu um grande aumento no número total de migrantes internacionais e essa tendência permaneceu na década seguinte. Porém, a partir de 2010, até 2013 houve um movimento de desaceleração. Enquanto na década de 90 o aumento anual foi de cerca de 2 milhões de pessoas e nos anos 2000 foram cerca de 4,6 milhões por ano, a partir de 2010 esse número caiu para 3,6 milhões. O documento nos diz que isso se deve aos reflexos da grande crise econômica mundial de 2008.

Outra informação de grande importância fornecida pelo documento é a de que desde 2000, a quantidade de migrantes tem aumentado mais rapidamente no Sul global do que no Norte global. Em 2010 a taxa de crescimento anual chegava a 1,8% nas regiões em desenvolvimento e 1,5% nas regiões desenvolvidas economicamente. Embora o fluxo de migrantes seja maior nos países do Sul, a proporção entre migrantes internacionais e a população nativa continua estável, isso se deve ao crescimento populacional expressivo nos países subdesenvolvidos e ao crescimento moderado nos países desenvolvidos.

Em 2013, o número de migrantes internacionais nascidos no Sul que viviam no Norte, ou "migração Sul-Norte", praticamente igualou o número de migrantes nascidos no Sul e residentes no Sul, ou "migração Sul-Sul". Em 2013 a rota Sul-Sul contava com 82,3 milhões de migrantes, enquanto a rota Sul-Norte contava com 81,9 milhões de pessoas. O que indica de forma concreta o incremento da rota "sul-sul" e do movimento mundial de pessoas que buscam alternativas que não os destinos convencionais.

Por último, para apresentar um panorama um pouco mais completo, existem os dados sobre as rotas femininas internacionais. Embora as mulheres representem aproximadamente 48% de todos os migrantes internacionais, existem diferenças consideráveis entre as regiões. A proporção de migrantes mulheres é mais alta na Europa (51,9%), seguida pela América Latina e Caribe (51,6%), América do Norte (51,2%), Oceania (50,2%), África (45,9%) e Ásia (41,6%). A reduzida proporção de migrantes mulheres na Ásia decorre da alta procura de trabalhadores migrantes homens nos países produtores de petróleo da Ásia Ocidental.

No que se refere a dados um pouco mais atualizados, o número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015 – um aumento de 41% em relação ao ano 2000, segundo informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da

ONU (DESA) publicadas em janeiro de 2016 ³. Dentro desta cifra, 20 milhões são refugiados. O número de migrantes internacionais aumentou mais rápido do que o crescimento da população, de acordo com as Nações Unidas. Com isso, a quantidade de migrantes totaliza 3,3% da população global em 2015, enquanto em 2000 somavam 2,8%. Segundo a ONU, em 2015, dois em cada três migrantes internacionais viviam na Europa ou na Ásia. Cerca de metade dos migrantes nasceram na Ásia.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU destacam que a vulnerabilidade dos migrantes, deslocados internos e refugiados, relacionada ao deslocamento forçado e crises humanitárias, pode reverter os avanços das últimas décadas. Entre os compromissos da Agenda de 2030 está o de proteger os direitos dos migrantes e implementar políticas de migração

2.1.1. Migrações regionais sulamericanas

Para analisar a migração dentro da América do Sul será usado como base o artigo de Julieta Bengochea e Silvia Elena Giorguli Saucedo que faz parte do livro "Migrações Sul-Sul" cuja organização foi feita por uma série de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O artigo que se intitula *Retos metodológicos para el estudio de la migración intrarregional en américa del sur* apresenta alguns números visando deixar claro para o leitor quais são as dinâmicas e desafios das migrações regionais no continente sulamericano.

O conceito de migrante sulamericano utilizado por Julieta e Silvia Helena se refere a uma pessoa proveniente de algum dos 12 países da América do Sul que migrou e se encontrava residindo em um dos outros 11 países desse mesmo continente, diferentes ao de seu nascimento, durante o momento da realização de algum censo, ou outro tipo de pesquisa.

Os primeiros itens que as autoras trazem à tona são as dificuldades que envolvem organizar as informações das pesquisas para trazer informação sobre migração no continente. As fontes utilizadas são a Investigação de Migração Internacional na América Latina e no Caribe (IMILA) - falaremos sobre ela mais à frente - pesquisas das Nações Unidas, Banco Mundial e a Integrated Public Use Microdata Series (IPUMS), todos estes se utilizam dos dados de censos, registros de entrada e saída, pesquisas de migração e registro

³Disponível em: <<https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/empirical2/docs/migflows2015documentation.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2019.

de ocupações realizados nos países da América Latina e do Caribe para comparar dados e informações. Porém, como explicam as autoras, não existe uma regularidade na aplicação dos censos em entre os países, cada um faz em um ano de forma independente, o que dificulta a comparação de dados. Para as Nações Unidas o ideal é que os censos sejam feitos em anos terminados em zero, possibilitando sua compatibilidade.

Em relação ao tempo em que o migrante está alocado em determinado local são usadas duas categorias para organizar cada tipo de migração: o stock de migração e a migração recente. Quando se fala sobre o stock de migração refere-se à população total de migrantes, desconsiderando normalmente fatores como idade, sexo, origem, tempo de chegada entre outros, e normalmente esses números são obtidos através de censos e pesquisas feitas com as pessoas que estavam no território do país e responderam às perguntas. O migrante recente é aquele que se estabeleceu na região nos últimos cinco anos e que em muitas ocasiões são deixados de lado por algumas pesquisas, mas este tipo de migrante tem grande importância no estudo das dinâmicas de migração mais recentes e suas especificidades (BENGOCHEA; SAUCEDO 2018).

De acordo com as fontes analisadas, de uma maneira geral desde a década de 60, existe um aumento no número total de migrantes intrarregionais, mas com diferenças consideráveis dependendo da fonte consultada. Isso ocorre devido à desarmonia entre os métodos de realização de cada censo, como dito anteriormente. Porém, em 1980 os meios IMILA, IMPUS e o Banco Central atingiram números muito próximos entre si da quantidade de stock migratório apresentado no continente.

O "Observatório Demográfico da América Latina 2018: Migrações Internacionais" é um documento produzido pela CEPAL (Divisão de População da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) que está associada ao CELADE (Centro Latinoamericano e Caribenho de Demografia) todos vinculados às Nações Unidas. Esse documento é feito a partir de um projeto chamado IMILA (Investigação da Migração Internacional da América Latina), já mencionado aqui, que foi fundado nos anos sessenta e que se utiliza de dados de vários censos realizados nos países da América do Sul e do Caribe para estabelecer tendências e padrões de migração internacional na região, como idade, sexo, escolaridade entre outros.

A respeito da migração internacional na América Latina pode-se observar um número crescente de ondas intrarregionais no continente com diferentes intensidades de acordo com o país em questão, a partir da segunda metade do século XX (PIZARRO; RODRIGUEZ

2017). Os fluxos convencionais de migração no continente se constituem da marcada migração mexicana e centro-americana para os Estados Unidos da América e do fluxo sulamericano para Espanha, porém o novo panorama faz com que países que geralmente eram tidos apenas como emissores passem a receber migrantes de países do mesmo continente, como é o caso da chegada de haitianos e venezuelanos no Chile.

Um dos últimos censos da década que foram utilizados para compor o Observatório Demográfico foi o do Chile que aconteceu em 2017, a partir da consulta de censos desde a década de 1970 e deste mais recente observa-se que o país tornou-se um dos novos destinos para quem migra na região. Em 2002, havia 50 haitianos e 4 338 venezuelanos no Chile, porém em 2017 contabilizou-se 57 142 haitianos e 79 731 venezuelanos no país.

As migrações sub-regionais apresentam características e agendas específicas. Por isso, algumas delas também foram analisadas conforme sua evolução nas últimas décadas pelo Observatório Demográfico. Por exemplo, os fluxos vindos México e de países da América Central como (Honduras, El Salvador e Guatemala) para os Estados Unidos da América já passaram por diferentes fases com o passar dos anos. Até os anos 2000 este fluxo apresentou uma crescente, porém com o advento da crise mundial dessa década houve uma queda nesses números, além disso há uma parcela de pessoas que saem de países da América Central em direção aos EUA mas que acabam ficando por algumas regiões do México, por encontrarem lá uma melhor oportunidade de vida se comparada ao seu país de origem (CANALES; ROJAS, 2018).

O incremento na migração dentro da região específica da América do Sul se explica também por restrições mais severas vigentes nos países do norte global e em escala menor pela tradição de trânsito de pessoas por estes espaços fronteiriços que se estabeleceram antes da constituição dos estados como os conhecemos hoje. Um exemplo de acordo que a região apresenta para a comunidade internacional é o próprio Mercosul, que visa facilitar tanto os acordos políticos e econômicos quanto o próprio trânsito de pessoas pela região.

Os tipos de migração denominados fronteiriços (entre países que têm fronteiras físicas) ocupam um lugar de destaque na composição do intercâmbio de população na região. A identificação do conceito de "vizinhança" é muito importante para este tipo de fluxo, porque se considera uma dinâmica de integração social, econômica e cultural entre países que fazem fronteira e revela uma complementaridade entre as comunidades fronteiriças de uma região. Segundo a apuração da IMILA, é normal que cerca de 50% dos migrantes de um país sejam de origem de um país fronteiriço ao seu destino, porém no caso do México e

do Paraguai, mais de 80% das pessoas nascidas em outro país são de origem fronteiriça. Isso se deve ao fato de que ambos são países que se configuram como “corredores” para fluxos maiores que vão em direção aos EUA, Brasil e Argentina.

Segundo o estudo realizado pela IMILA, existe ainda um notório incremento nos fluxos migratórios em direção à Colômbia, constando um aumento de mais de 35% no número total de migrantes fronteiriços para o país entre 1993 e 2005. Importante mencionar o atual número de migrantes venezuelanos dentro do território colombiano que passam dos 4 milhões (MEJÍA, 2018). Historicamente o fluxo era inverso, devido aos conflitos entre o governo, as FARC e os cartéis de drogas na Colômbia.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, é possível perceber um incremento tanto dos movimentos migratórios entre o sul global quanto um movimento regional próprio da América Latina, que acabam não por anular, mas por se igualar numericamente às rotas tradicionais. A formação de polos econômicos regionais aliado ao incremento de políticas de fechamento de fronteiras acabam por estimular um grande contingente de pessoas a se deslocar para potências regionais ou outros países em desenvolvimento. O crescimento de discursos políticos que rejeitam o migrante pelo mundo atualmente, como é o caso da construção do muro que separa mexicanos dos estadunidenses e do fechamento das fronteiras dos países europeus para os refugiados do Oriente Médio e da África, acabaram por configurar novas rotas de migração e também por revelar uma faceta xenófoba e excludente das tendências migratórias atuais.

3. Migrações transnacionais no Brasil

Ouve-se falar muito sobre como o Brasil e o brasileiro no geral são hospitaleiros e como recebem todos os povos do mundo de bom grado. Parte disso pode ter se originado a partir do falso senso de que somos um país miscigenado e onde as três raças vivem em harmonia. Em primeiro plano sabe-se que para o indígena o Brasil imposto pelo europeu não foi nem um pouco amistoso - e não o é até os dias de hoje. Ao se considerar o histórico de escravidão do povo negro trazido à força de seu continente e o projeto racista implantado no Brasil principalmente depois da abolição da escravidão também se percebe que esse território nunca foi nenhum tipo de “paraíso” para essas pessoas. Mesmo para o homem branco imigrante, o Brasil esteve longe de ser um paraíso, já que apesar de terem seus privilégios, ainda assim foram submetidos à jornadas excessivas de trabalho. Esse capítulo pretende analisar de forma resumida como aconteceram os principais fluxos migratórios que vieram para o Brasil durante o século XIX e XX, relacionar com a questão do embranquecimento social e sobre como foi a recepção e integração do migrante não-branco ao Brasil.

3.1 Migrações europeias e projeto de embranquecimento no Brasil

O incentivo às migrações europeias no território brasileiro foi parte de um projeto que visava deixar a população brasileira com a pele cada vez mais clara. A importância de entendermos esse processo como historicamente fundamentado nos ajuda a entender como os descendentes de migrantes europeus até hoje agregam um tom pomposo e de orgulho pra falar da sua ascendência, enquanto descendentes de outras regiões do mundo por muitas vezes se calam sobre seus antepassados.

Como um modo de validar este plano se dizia por vezes que o homem branco era dotado de atributos mais urgentes à construção de uma sociedade digna, tais como "moralidade", "industrialidade", "disposição para o trabalho", "inteligência", até "beleza" e por isso a coroa passou a financiar a vinda de milhares de europeus para "salvar a sociedade brasileira" dos traços negros e indígenas. (RIBEIRO, 1995)

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, que de fato foram nossos primeiros migrantes, existiam cerca de 4 milhões de nativos no território que foram dizimados, restando menos de 1 milhão em 1823. Entre os séculos XVI e XIX, cerca de 4 milhões de

africanos foram trazidos para nossas terras e escravizados e, paralelamente a esse processo cerca de 5 milhões homens brancos chegaram ao nosso território. (RIBEIRO, 1995)

O processo de colonização portuguesa não teve um caráter de povoamento como aconteceu nas treze colônias inglesas. Os portugueses vieram com intenção de explorar as novas terras e, por isso, afirma-se que a colonização no Brasil assumiu um tom masculino e mercantil. Como consequência disso, o homem português passou a se relacionar, nem sempre com consentimento, com mulheres negras e indígenas e daí começaram a despontar por toda a colônia uma grande quantidade de crianças mestiças. A partir desse quadro é importante deixar claro o tipo específico de racismo que se constituiu no país. Na Europa e na América do Norte, o homem branco era separado das "pessoas de cor" através de um processo pautado em leis que separavam espaços e funções a partir de sua cor de pele, ou seja, essas pessoas não eram estimuladas a conviver e muito menos se relacionar, o que gerou um empecilho para o processo de miscigenação. Mantinha-se o branco puro e intocável, mesclar-se com outra raça era "impraticável" e até abominável. (NOGUEIRA, 1955)

Porém, o Brasil passou por um forte processo de miscigenação e o racismo se deu a partir de uma perspectiva de limpeza do fenótipo brasileiro, que era um fenótipo miscigenado. Para isso, Dom Pedro I, amparado pelas elites e pela classe intelectual, passou a estimular a vinda de trabalhadores livres suíços, italianos, espanhóis e alemães que viriam tanto para tornar o brasileiro mais branco quanto para suprir os braços de negros perdidos durante o processo de abolição, em 1888.

Apesar de não serem os primeiros estrangeiros a atuarem como mão de obra livre no Brasil, os suíços foram os primeiros a terem total aval e incentivo tanto da imprensa quanto do governo para se estabelecerem no nosso país. Através do modo como o periódico Gazeta do Rio de Janeiro se refere ao novo migrante em sua edição de 6 de novembro de 1819 nota-se uma diferença importante na recepção do homem branco, bem aceito, em contraste ao homem não branco (asiático, africano).

[...] a chegada, dois dias antes, de 197 suíços “dos que Sua Magestade Houve por bem mandar vir”, destinados ao “agradável e fertilíssimo terreno de Nova Friburgo em Morro Queimado, no districto de Villa de S. Pedro de Cantagallo”, com as “mais sabias e liberais providencias. (BARRETO,2015, p.86)

Em 1819, os primeiros suíços chegaram ao Rio de Janeiro e se estabeleceram para a prática da agricultura. Por virem de uma região chamada Fribourg, suas terras receberam o

nome de Nova Friburgo. Barreto (2015) diz que os suíços eram estimulados a migrar acompanhados de sua família e se estabeleceram em terras reservadas a eles e com auxílio de subsídio governamental.

Os italianos, conforme diz Barreto (2015), foram um dos principais grupos a se estabelecerem no território brasileiro. Começando de forma tímida a partir de 1853 com algumas dezenas de famílias, em 1900 já somavam mais de um milhão de pessoas. Estabeleceram-se principalmente na região sul e sudeste no país, com destaque para a então província de São Paulo. Barreto comenta que a quantidade de imigrantes na região de São Paulo chegou a números tão grandes que o governo italiano promulgou um decreto em 1895 que impedia a saída de pessoas da Itália em direção à região. Para termos noção de números, em 1900, por volta de 80% do quadro de funcionários urbanos de São Paulo eram italianos.

Outro grupo relevante foram os alemães que, apesar de constituírem um grupo menor em relação aos italianos, conseguiram se estabelecer em um número considerável de colônias espalhadas principalmente pela região sul do país. Apesar de serem tratados comumente como "alemães" muitas dessas pessoas não tinham plena consciência de sua "nacionalidade", pois até então não existia o conceito de Alemanha para essas pessoas, enquanto o brasileiro fazia essa generalização. Essas pessoas se identificavam através de suas aldeias e regiões que por sua vez tinham seus próprios dialetos. "Longe de comporem um mesmo povo, esses imigrantes vinham das mais distintas regiões da Europa central, como Hunsrück, Pomerânia, Westfália e Württemberg. Em cada região viviam segundo uma cultura própria e falavam um dialeto específico" diz Schulze (1997). O mesmo acontecia com os italianos, que se viam sobretudo como calabreses, sicilianos, napolitanos e etc. "Um agricultor católico 'alemão' tinha mais em comum com seu vizinho 'italiano' do que com um comerciante urbano 'alemão' e protestante que, por sua vez, teria mais afinidade com um homem de negócios britânico", exemplifica Schulze (SCHULZE, 1997)

É válido lembrar que apesar de se serem recebidos relativamente bem pelo brasileiro essas pessoas viajaram em condições precárias até nossas terras, em navios superlotados. Barreto (2015) afirma que em outubro de 1819, sete navios partiram da Europa levando 2100 suíços, mas apenas 1500 chegaram ao Brasil. Apesar de serem considerados como a mão de obra ideal, essas pessoas sofreram com os abusos de seus empregadores: eram sujeitos a muitas horas de trabalho, além de terem que arcar com as despesas que possibilitaram sua vinda para o Brasil e sua permanência (roupas, comida, ferramentas) entrando assim em um

ciclo que acabava por se aproximar a um regime de escravidão.

3.2. Migrações dos países do sul global, China e Síria para o Brasil

Apesar do grande contingente de trabalhadores vindos da Europa, uma grande quantidade de pessoas começou a chegar de diferentes partes do mundo, inclusive do chamado "sul global", conceito dos estudos decoloniais e pós-coloniais. O conceito se refere basicamente aos países que são subdesenvolvidos e que têm um histórico colonial ou neocolonial. Dessa forma, países como Guatemala e El Salvador, apesar de estarem acima da Linha do Equador, estão econômica e socialmente ao sul, para baixo, sub. Do mesmo modo que um país como a Austrália que, apesar de estar abaixo da Linha do Equador e ser um país que passou por um processo de colonização, ainda assim faz parte do "norte global", por ser uma região desenvolvida economicamente.

Depois da chegada do português colonizador e dos negros trazidos em calabouços por todo um oceano - de várias regiões diferentes do continente africano - costuma-se dizer que chegaram os suíços, vindos da região de Friburgo. Porém, o que não é dito é que antes mesmo deles chegarem, vieram os chineses. Barreto (2015) diz em sua tese que uma certa quantidade de chineses foi trazida ao Brasil para o cultivo do chá, porém essa investida não deu certo, primeiramente por se tratar de uma região cujo clima não era próprio e, em segundo lugar, por existir um receio de que as características físicas do chinês influenciassem na formação do brasileiro.

O chinês começou a ser retratado na imprensa como "a praga amarela" e não tiveram o apoio por parte do governo. Foram trazidos sem suas famílias para que não se proliferassem e sujassem o fenótipo brasileiro, que deveria ser cada vez mais claro. Nenhuma terra foi cedida a eles e, por muitas vezes, ao tentar fugir, foram caçados como eram antes os negros escravizados. Em contrapartida, como dito anteriormente nesse trabalho, o migrante europeu recebeu toda assistência para estabelecer-se e se reproduzir já vinham com toda sua família e todos os subsídios pagos (BARRETO, 2015). É a partir desse exemplo dos chineses que vamos analisar o caso de outros migrantes desse chamado "sul global" e também de outras regiões do oriente, como a China e Síria, que vieram para o Brasil nas décadas e séculos seguintes.

A maior parte da migração árabe para o Brasil aconteceu no início do século XX, porém existem registros de marroquinos e de pessoas da região do Magrebe chegando ao

Brasil desde o final do século XIX, estabelecendo-se na cidade de Belém/PA, em sua maioria judeus. Barreto explica que ainda em 1890 já existiam mais de mil marroquinos na região. A partir do início do século XX, novos grupos de árabes - gregos, sírios, libaneses - também começaram a chegar nas grandes cidades da região sudeste e também no Rio Grande do Sul.

É muito importante se discutir a questão da multiplicidade de grupos que constituíam o que nós chamávamos de "árabe", ou simplesmente "turco". Apenas 15% desses migrantes eram muçulmanos, a maior parte era católica (65%) ou ortodoxo grego (20%). Apesar dessa diferença de tradições de povos que vinham de uma região em comum no início do século XX a maioria trabalhava com o comércio ambulante, chegando a constituir cerca de 90% do trabalho ambulante na cidade de São Paulo. Apesar disso, o povo árabe conseguiu em pouco tempo se estruturar e tomar a frente de grandes empreendimentos, o que fez com que fossem mais aceitos dentro das elites, da política e até da imprensa. (BARRETO, 2015). O trecho a seguir, retirado do jornal *O Estado de São Paulo*, dá uma noção geral de como eram representados esses povos na grande mídia (1929):

É a corrente semita dos levantinos de nariz adunco cuja atividade essencial é comprar e vender, e não produzir. Mas não há apenas o aspecto econômico a considerar. Trazem estes indivíduos consigo a mentalidade oriental, a moralidade oriental, sinuosa e estranha aos nossos hábitos, às nossas tradições e à nossa educação de ocidentais. Trazem modos de pensar e modos de agir que vêm daquele Oriente Próximo, tortuoso e sinistro, o Oriente pitoresco talvez, mas perigoso sempre ... do Oriente cujo contato todos os povos civilizados procuram evitar. (BARRETO, 2015, p.487)

No trecho acima é possível perceber que se desconsidera completamente às claras algumas aptidões que o povo tem para o comércio quando se diz que eles nada produzem, apenas compram e vendem. Logo após, o autor do texto desconsidera o aspecto econômico, que tanto é valorizado no indivíduo europeu (o alemão laborioso, o italiano industrioso) e passa a tratar da questão da orientalidade dos árabes de forma pejorativa. "A moralidade oriental, sinuosa e estranha aos nossos hábitos" e palavras como "tortuoso", "sinistro" e "perigoso" ajudam a formar a ideia de que o cidadão de origem dessa terra adquire também essas características.

Pensando mais adiante, no século XXI temos outro grande fluxo de migrantes sírios que chegam ao Brasil, agora devido aos conflitos em seu país. A Primavera Árabe foi uma série de revoltas e revoluções que aconteceram em países como Egito, Tunísia, Síria, Iêmen

e Barein a partir de 2011 que buscavam derrubar governos assolados por crises econômicas e pela falta da democracia. A partir desses eventos, alguns outros conflitos se desenvolveram e fizeram com que uma parte da população desses países migrasse fugindo de guerras civis, como foi o caso da Síria. Nos últimos dez anos cerca de 2,7 mil sírios registraram pedido de asilo no Brasil e mais de 5 milhões estão espalhados pelo mundo⁴.

Na segunda metade do século XX, aconteceu o processo de independência de Angola, país que até então se constituía como colônia portuguesa. Barreto nos explica que as disputas entre grupos que buscavam controlar região foram extremamente sangrentas e provocaram a morte de mais de 500 mil pessoas e deslocaram mais de 4 milhões para fora do país. Muitos deles chegaram ao Brasil do mesmo modo como africanos de outras nacionalidades que se estabeleceram tanto no século XX quanto no século XXI fugindo de guerras civis, crises econômicas e perseguições políticas ou religiosas.

Mais recentemente houve um grande fluxo de migrantes vindos do Haiti que chegaram ao Brasil por conta da crise social, econômica e política agravada pelo terremoto de 7.0 na escala Richter que assolou o país em 2010. A maioria dos haitianos vieram através do Peru e chegaram até o Acre, de onde foram redistribuídos pelo país por mais de 100 instituições que participaram da Operação Acolhida, uma parcela desses migrantes foram "contratados" para trabalhos muitas vezes exploratórios em construções civis e frigoríficos.

Todos esses casos se relacionam com um histórico de "má aceitação" por parte mídia de pessoas que vêm de regiões subdesenvolvidas e não brancas. Esses citados acima, e também no próximo tópico são os que são chamados de imigrantes, mesmo que não venham para se estabelecer no país. As pessoas não brancas e de países menos desenvolvidos carregaram o peso da palavra imigrante. O imigrante é o que rouba o emprego, traz doenças, dissemina maus hábitos e suja o fenótipo brasileiro enquanto as pessoas quem provém de regiões ao norte global são tratados como os estrangeiros (industriosos e trabalhadores) independentemente se sua intenção é ficar ou apenas passar, sintoma típico de uma tradição racista.

⁴ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf> Acesso em: 17 de outubro de 2019.

3.3. Migrações do sul global para o Brasil (Argentina, Uruguai e Chile)

A entrada de imigrantes sulamericanos no território brasileiro começou a tomar maiores proporções durante a década de 1970, durante o auge das ditaduras militares no nosso continente. Países como Chile, Argentina e Uruguai, que passaram pelas experiências mais sangrentas de repressão tiveram altos números registrados de refugiados principalmente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro.

Barreto (2015) diz que *O Globo* registrava em 1978 mais de 100 mil sulamericanos instalados na cidade de São Paulo, sendo que a maioria não tinha documentação necessária para permanecer no país. A dificuldade para conseguir a documentação necessária para permanecer legalmente no país surgiu a partir de um projeto anterior ao governo militar de não receber de bom grado imigrantes, a fim de proteger um projeto nacionalista e anticomunista. Barreto mostra que existia uma lista de profissões - todas de nível técnico e ligados de alguma forma à indústria - que limitava a apenas 20% o número de concessões de visto.

A maior parte desses estrangeiros permaneciam na ilegalidade, trabalhando muitas vezes sob condições desumanas e recebendo a metade do que um trabalhador brasileiro receberia, por não terem o certificado de permanência autorizado. Num período anterior à Segunda Guerra Mundial a entrada de migrantes era muito mais fácil e qualquer pessoa que cruzasse a fronteira já tinha seu visto garantido, porém com o projeto nacionalista instalado pelo governo de Getúlio Vargas a entrada dessas pessoas se reduziu bruscamente. Construiu-se durante essa época um tipo de aversão ao comunismo e imigrantes judeus e de qualquer outra nacionalidade identificada como comunista tinham seu acesso negado ao Brasil.

É importante ressaltar também o modo como os governos ditatoriais sulamericanos colaboraram entre si para identificar, prender e matar refugiados políticos que tentassem fugir da repressão em seu país. Daí se explica esse controle excessivo das fronteiras, a fim de evitar a entrada de opositores dos governos opressores da América do Sul, o alerta anti-comunista, segundo a narrativa criada pelo governo.

Apesar das dificuldades em quase todos os demais países, Marcelo reclama que “mesmo o governo brasileiro não recebe bem o chileno”, que é visto como “um elemento indesejável e suspeito”. No entanto, o governo estaria aceitando “sul-africanos, angolanos, vietnamitas e nortecoreanos, entre outros”. Ele conclui: “A exigência de documento específico para chilenos, argentinos e uruguaios (o atestado ideológico) mostra a relutância dos

dirigentes brasileiros em aceitar imigrantes desses países.
(BARRETO,2015, p.233)

No trecho acima, Barreto comenta um trecho de uma reportagem d'*O Globo* de 1978 que evidencia o medo e o caráter ideológico que controlava a entrada de pessoas fugidas de países que estavam à "caça de comunistas".

Com o grande contingente de sulamericanos se estabelecendo em São Paulo, houve um movimento de aglutinação dessas pessoas em lugares comuns, bairros que foram aos poucos sendo tomados por argentinos, chilenos, uruguaios e mais tarde por bolivianos. Nesses lugares foi possível que o migrante conseguisse se reencontrar com alguns elementos típicos de suas culturas, além de terem contato com outros migrantes mais experientes que davam dicas para eles se adaptarem a esse novo ambiente.

Foragidos das ditaduras estabelecidas em suas terras natais e tendo que sobreviver em um ambiente completamente hostil à sua permanência, Barreto fala ainda sobre algumas pensões que eram praticamente tomadas por pessoas da mesma nacionalidade que ali conseguiam cozinhar sua comida típica e cantar suas canções, um modo de resistir ao seu estado e retomar as forças para continuar sua jornada.

4. A constituição da identidade nacional no Brasil

Este capítulo será dedicado a estudar como a constituição de uma identidade nacional foi uma preocupação estatal durante todo o período posterior à proclamação da independência do nosso país. Veremos de qual modo o Brasil, como país que foi colonizado por Portugal e que partir do século XX começou a sofrer fortes influências culturais dos Estados Unidos da América, tentou constituir uma noção de identidade que alcançasse todo o vasto território brasileiro.

Além disso, é importante analisar durante esse processo de construção de símbolos nacionais quais aspectos foram considerados importantes e quais símbolos foram elegidos como representante do Brasil. De que forma um país com um grande contingente de pessoas negras, brancas e nativas conseguiu trazer uma noção de unidade e coesão e quais são as possíveis problemáticas envolvidas nesse processo.

Por fim, de qual modo a língua, tanto oral quanto escrita, e a arte atuaram nesse processo e quais foram as técnicas usadas com o passar dos anos para que a noção de brasilidade fosse contemplada desde os ribeirinhos no extremo norte da floresta amazônica até os gaúchos que vivem nos pampas do Rio Grande do Sul.

4.1. Um país colonial

A necessidade de construir uma identidade nacional, além de um processo cultural é também um processo de caráter político. Para que seja possível manter um Estado coeso é necessária a construção de uma identidade nacional que alcance, se não toda, uma boa parte da sociedade que vive no território. A língua entraria nesse processo como um elemento importante para a constituição da identidade brasileira, pela capacidade de possibilitar o entendimento entre pessoas e facilitar suas relações.

Segundo a pesquisa do historiador Tales dos Santos Pinto (2012), os esforços empenhados pelo Primeiro Reinado e pelo Período Regencial para manter o país íntegro em seu território foram repressivos, a fim de barrar os movimentos separatistas que aconteceram principalmente nas décadas de 1830 e 1840. Pinto diz que a cultura da violência estatal utilizada na repressão a esses movimentos em si já fez parte de um início da constituição da identidade nacional.

A língua escrita, no caso do movimento do Romantismo, atuou como uma tentativa de constituir uma identidade brasileira colocando o índio como peça fundamental da nossa sociedade, tentando nos afastar de possíveis influências estrangeiras. Ainda de acordo com Pinto, a partir da Proclamação da República e da instauração do federalismo houve um fortalecimento das manifestações culturais regionais, porém existiram tentativas de fortalecer a noção de pertença nacional de Brasil através da formação e exaltação de heróis nacionais, como foi o caso da figura de Tiradentes, celebrado como uma figura que lutou não apenas por Minas Gerais, mas por todo o país (PINTO, 2012). Houve também o movimento Modernista que em 1920 tentou se aproximar de uma noção de nação, a partir do exemplo de Mário de Andrade que viajou por todo o país colhendo e estudando elementos regionais que faziam parte da nossa cultura.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder representou uma renovação dos esforços estatais em criar uma padronização cultural nacional, que se iniciou com a instituição de uma educação básica comum por todo o território, levando à erradicação de traços culturais de minorias étnicas regionais. Vargas também utilizou muito dos meios de comunicação para esta tarefa, utilizando-se do rádio para instruir o futebol, samba e alguns pratos da culinária como símbolos da cultura nacional. (PINTO,2014)

Entre as décadas de 1940 e 1950 houve uma tentativa de afastamento de influências que eram consideradas colonizadoras, vindas da Europa e dos Estados Unidos. A década 1960 foi marcada pelo início da Ditadura Militar no Brasil e de sua centralização autoritária e repressiva, momento em que as televisões chegaram massivamente aos domicílios dos brasileiros o que simbolizando um novo momento para a difusão de símbolos nacionais. As telenovelas também tiveram um papel decisivo na exposição de práticas sociais consideradas representantes da cultura nacional.

Apresentado esse breve panorama que mostra as etapas históricas em que houve uma tentativa de constituição de símbolos nacionais selecionamos uma entrevista realizada com uma pesquisadora portuguesa para entendermos também um pouco sobre quais foram as heranças que o Brasil carrega hoje como saldo dessas tentativas de criação de identidade, tema que também será explorado no próximo tópico.

Grada Kilomba é uma artista visual e escritora portuguesa que cresceu em São Tomé e Príncipe e sua obra é focada fundamentalmente em questões sobre racismo. Em entrevista

concedida ao portal A TARDE⁵, Kilomba falou sobre suas impressões sobre o Brasil e a questão do racismo atrelada à temática da herança colonial e sobre como os brasileiros lidavam de modo natural com essas situações.

A escritora também é professora da Universidade Humboldt, uma das mais antigas de Berlim e escreveu as obras *Plantations memories - episodes of everyday racism* de 2008 e *Performing knowledge* de 2016, que ao mesmo tempo que contam suas histórias de vida como uma mulher negra ainda tentam descolonizar pensamentos. Ao ser questionada a respeito da questão da suposta democracia racial que existe no Brasil a autora disse que apesar dos 500 anos de história colonial o país ainda tem uma estrutura colonial arraigada. A questão da arquitetura é um dos exemplos mais claros disso: as portas de fundos separam os sujeitos que acessam um mesmo espaço, geralmente essas pessoas também tem cores de pele diferentes e apesar de parecer que esses edifícios tenham sido construídos no século XIX na realidade foram feitos em 1980 e 1990.

Há uma porta da frente e uma porta dos fundos. Isso eu só vi aqui no Brasil. E as portas do fundo e as da frente possuem sujeitos diferentes. E essa arquitetura não foi construída no século 19, mas nos anos 1980, 1990. E aqui há um senhor que abre a porta, um senhor que conduz o carro, uma senhora que limpa... Estes são serviços completamente coloniais. Como é possível ter tantos corpos negros prestando serviços dentro de uma estrutura assim? O branco de hoje não é mais o responsável pela escravidão, mas ele tem a responsabilidade de equilibrar a sociedade em que vive. Ninguém escapa do passado. (KILOMBA, 2017)

Apesar de já viver há alguns anos na Alemanha a pesquisadora diz que o racismo está presente de forma constante no país, que não teve um histórico de escravidão e colonização dentro de seu território, mas que mesmo assim foi um dos colonizadores mais brutais. Kilomba conta que o primeiro genocídio do século XX aconteceu na Namíbia entre 1904 e 1908 e foi realizado pela Alemanha. Apesar de todo o processo de colonização alemã pelo mundo ser pouco documentado, todo genocídio, exploração e violência que está por trás do processo colonial faz também parte da história da própria Alemanha e ajudou a formar o país como ele é hoje.

⁵ Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1829494-o-brasil-ainda-e-extremamente-colonial>> Acesso em 8 de outubro de 2019.

4.2. O lugar do negro e do índio

A pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo fala a respeito de como o racismo e ciência se relacionaram no Brasil dos séculos passados e quais são as consequências para os dias atuais, em entrevista concedida à Revista Pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)⁶.

Schwarcz (2007) discorre sobre o incentivo da migração europeia como sintoma de uma política de eugenia que tentou instituir uma população branca em uma sociedade que já estava africanizada. Naquela época, os nervos estavam tão aflorados que João Batista Lacerda, do Museu Nacional, foi participar do Congresso Oficial das raça e disse que seriam necessários cem anos para que o Brasil enfim fosse considerado um país branco, prazo que foi considerado extenso, mostrando a urgência dos setores da sociedade em tornar o Brasil um território branco.

Entrando na questão da construção da identidade do brasileiro durante o século XIX, a pesquisadora diz que para que se construa identidade é necessário que haja um processo de diferenciação e contraste em que as pessoas possam notar a si e aos outros. No caso da identidade nacional é necessário que se faça notar que são diferentes de pessoas de outra nação. A partir disso, como seria possível criar uma identidade brasileira tendo em vista o alto grau de miscigenação do povo? Uma resposta seria a adoção da figura do indígena como grande símbolo que representa o povo brasileiro, mesmo que de forma estereotipada e romantizada, como vemos na literatura da primeira fase do Romantismo brasileiro com os livros de José de Alencar, como "Iracema", "O Guarani" e "Ubirajara".

A partir do século XX, a figura do índio passa a ser substituída pela do mestiço e as teorias raciais entram na pauta das Faculdades de Direito, Medicina e nos círculos militares. "O interessante é que, para a confirmação da identidade, a raça teve que ser positivada: assim como no império você positiva o indígena, no século XX positiva-se a mestiçagem."(SCHWARCZ, 2007). A autora fala sobre como aos poucos a raça se constitui como um elemento de nacionalidade, visto como "a boa raça" ou "a boa mistura".

Schwarcz (2007) fala sobre o aspecto não natural do racismo e sobre como é importante observá-lo a partir de uma ótica histórica e social e de não o associar à ciência,

⁶ Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/>> Acesso em: 11 de outubro de 2019..

como aconteceu tanto na Europa quanto no Brasil nos séculos XIX e XX. Durante o final do século XIX a ciência brasileira e mundial dizia que a mistura de raças era prejudicial à evolução humana e que um país fundado por diferentes raças estava fadado à decadência, porém a partir dos anos de 1930 passa-se a exaltar a mestiçagem como uma característica da nossa profunda singularidade, nessa época a ciência também já passa a deixar de lado a ideia de que a mestiçagem é algo ruim, o que mais tarde também é assimilado pelo senso comum.

A mestiçagem é uma realidade, mas o problema não é a constatação da mestiçagem, mas a qualificação sempre positiva da mestiçagem. Mestiçagem não é sinônimo de igualdade. Mestiçagem não é obrigatoriamente sinônimo de ausência de discriminação. (SCHWARCZ, 2017)

Para complementar as ideias de Shwarcz sobre essa questão racial na história brasileira podemos também consultar a obra do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. O capítulo intitulado "Assimilação ou Segregação" do livro "O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil" de Ribeiro, se inicia com uma discussão a respeito de como o nosso país se estruturou racialmente. O autor traz alguns dados que evidenciam os contingentes de europeus, africanos e indígenas que existiam no Brasil durante a época da colonização, bem como abre um debate acerca da formação de uma população mestiça que acaba se formando paralelamente ao contato entre as etnias.

A partir da análise dos números de brancos, negros e mestiços no Brasil entre os anos de 1872 e 1990, percebe-se uma queda vertiginosa da quantidade de pessoas que se declararam pretas, que chegavam a 20% da população em 1872, mas em 1990 representavam apenas 5%. Ribeiro explica como é possível que uma quantidade dessas pessoas tenha passado a se considerar "pardas", mas também fala sobre como as condições de vida miseráveis da população negra eram precárias, principalmente depois do abolição da escravatura, fator que agiu como redutor da expansão demográfica do povo preto. Além disso, é importante considerar os contingentes muito baixos de mulheres europeias que chegaram ao Brasil, ocasionando uma incidência muito grande de relações de homens brancos com mulheres indígenas, o que acaba configurando um tipo de moreno claro que "aos e olhos e sensibilidade racial de qualquer brasileiro, são puros brancos" (RIBEIRO, 1995, p.175). O grande crescimento do número de pessoas que se consideram brancas passou de 3,8 milhões em 1872 para 81,4 milhões em 1990, não se deve ao incremento de migrantes

europeus e sim ao padrão de vida levado por essas pessoas, como explica Ribeiro no trecho a seguir:

A explosão demográfica dos "brancos" brasileiros só é inteligível, pois, em termos de um crescimento vegetativo muito intenso, em números absolutos. É prodigiosamente grande em relação às outras parcelas da população, propiciado pelas melhores condições de vida que fruía em relação aos negros e aos pardos; aqui também atuou, provavelmente, a tendência a classificar como brancos todos os bem-sucedidos. (RIBEIRO, 1995, p.172).

Quando se refere à empregabilidade, segundo o censo de 1950, a cada mil pessoas brancas 23 eram donas de propriedades/empregadores, enquanto no que se refere à população negra, a cada mil pessoas apenas quatro eram donas de propriedade/empregadores. Ainda se comparados à população migrante que habitava o Brasil durante o censo, cerca de 86 mil eram empregadores enquanto a população preta contava com cerca de 20 mil empregadores. Ou seja, até a população estrangeira tinha mais oportunidades de ascender socialmente enquanto a camada de pessoas pretas encontrava um caminho muito mais tortuoso (RIBEIRO, 1995 p. 177).

O negro foi introduzido na sociedade como indivíduo escravizado e foi responsável pela execução de tarefas duras e que formavam a base de qualquer outra atividade exercida na sociedade. Mesmo depois da abolição, quando ganhou a condição de trabalhador livre, o negro continuou em uma situação exploratória, compelido ao seu antigo papel de subproletariado, atuando principalmente na execução de serviços manuais. Ribeiro diz que enquanto escravo o negro ainda tinha o interesse de seu proprietário em mantê-lo nutrido e saudável para que pudesse durar mais tempo e, conseqüentemente trabalhar mais e depois ocupar um lugar de resguardo em que descansaria sua velhice. Porém, agora como trabalhador livre o negro que fosse velho ou enfermo demais para trabalhar seria simplesmente expulso e substituído por outro.

Depois da abolição todas esses ex-escravos começaram a se aglomerar em regiões próximas a vilas e cidades e, posteriormente, próximos às lavouras comerciais. A eles se uniram as camadas de pessoas mestiças e brancas pobres e formaram aglomerados suburbanos que são fáceis de localizar até os dias de hoje. Considerando estes processos que afetaram a comunidade negra durante tantos anos podemos voltar aos números do censo de 1950 que indicam um decréscimo demográfico dessas pessoas e compreender os processos que tornaram as vidas dessas pessoas mais duras.

O autor fala também sobre como no Brasil a questão do preconceito de classe é tão forte quanto o racismo em si, apesar que as duas coisas geralmente andam juntas, já que geralmente o negro tem grandes chances historicamente de ser pobre. Partindo desse princípio, o autor cita o exemplo de que é muito mais aceitável que aconteça um casamento de uma pessoas branca com outra negra que ascendeu economicamente e que assume hábitos da classe dominante do que com uma pessoa pobre e "grosseira", seja ela branca, negra ou mulata, demonstrando uma possível sobreposição do preconceito de classe ao de cor.

A questão da grande miscigenação que aconteceu no território brasileiro possibilita que haja, por exemplo, uma grande variedade de fenótipos em uma mesma família. As pessoas acabam herdando traços dos três troncos principais que formaram os brasileiros, Ribeiro chega a dizer que "os brasileiros são capazes de gerar filhos tão variados como variadas são as faces do homem".

Há também a questão da duplicidade que envolve o comportamento sexual do homem brasileiro, que exhibe uma parceira em frente ao seu círculo social, porém mantém relações baseadas puramente em sexo com mulheres de estratos sociais mais baixos, geralmente mulheres negras ou índias.(RIBEIRO, 1995) Nesse caso as relações se estabelecem de forma assimétrica, já que essas mulheres ocupam lugares sociais inferiores aos desses homens, como é o caso das mulheres escravizadas. Uma vez livres, essas mulheres podem aspirar relações mais igualitárias, porém sua condição de pobreza acaba fazendo com que se contentem com relações ocasionais (RIBEIRO, 1995)

Ribeiro fala que no que se refere à formação da típica família brasileira, em que o pai geralmente é ausente e a mãe torna-se o pilar principal, esse fenômeno permanecerá até que haja uma superação das estruturas racistas e classistas que tornam mulheres pretas, indígenas e mestiças "alvos" de homens de classe média que apenas procuram sexo, e que por as considerarem inferiores acabam se aproveitando e criando uma relação de servilidade entre os dois.

5. Os refugiados venezuelanos

A migração venezuelana ao Brasil é um fenômeno recente e por isso é um campo vasto de investigação. Historicamente a Venezuela tinha um fluxo maior de pessoas entrando do que saindo. Segundo relatório de 2017 da Organização Internacional de Migrações (OIM), 4,5% da população venezuelana era formada por migrantes de outros países, enquanto cerca de 1,9% da população venezuelana vivia fora do país. Esses dados dizem que a Venezuela se constituía como o país que tem o segundo menor número de emissores na América do Sul, atrás apenas do Brasil.

De acordo com o World Factbook da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (2017), a crise que afeta o país é o motivo que faz com que esses venezuelanos deixem seus lares e busquem abrigo em países como Colômbia, Peru, Chile, Brasil e os incentive também a subir a bordo de embarcações precárias em direção aos países do Caribe. O jornal *O Globo* fala sobre Maroly, seus dois filhos e mais 31 pessoas desapareceram em pleno Mar do Caribe em junho de 2019 enquanto iam em direção à Trindad e Tobago à procura de asilo⁷. Segundo relatório da Missão Paz e da Conectas (2017), o pedido de refúgio por venezuelanos no mundo cresceu 8.828% entre 2012 e 2016. No Brasil, a ascensão de pedidos foi de 280 em 2015 para 7.600 só no primeiro semestre de 2017.

5.1 Histórico recente

Para que seja possível entender o processo migratório venezuelano é necessário apresentar um breve panorama de como se constitui esse cenário de crise política e econômica que atinge a Venezuela nos últimos anos. Para isso contaremos com o auxílio do trabalho da pesquisadora Camila Rodrigues da Silva: "Migrações de venezuelanos para São Paulo: reflexões a partir de uma análise qualitativa" publicado em 2018.

Em 1998, Hugo Chávez foi eleito para seu primeiro mandato e durante essa época o barril do petróleo custava US\$ 13, mas estava em tendência de alta: chegou a US\$ 96 em 2008 e a US\$ 104 em 2014, segundo o Banco Mundial. Esse cenário, aliado à Lei de Hidrocarbonetos, que aumentava o controle da atividade petroleira pelo Estado, permitiu que o governo estabelecesse uma série de políticas públicas que reduziu a pobreza e melhorou

⁷ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/a-historia-da-familia-que-tentou-fugir-da-crise-na-venezuela-desapareceu-no-mar-23741471>> Acesso em : 15 de novembro de 2019.

índices relacionados à saúde e à educação no país (MARINGONI E DA COSTA, 2009). Desde 2011, a Venezuela é a maior reserva de petróleo do mundo. Naquele ano, o relatório anual da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) atestava que o país latino-americano ultrapassava a Arábia Saudita em volume de reservas de petróleo cru, com 296,5 bilhões de barris em seu solo (CARTA CAPITAL, 2011).

Porém, com a abundância do petróleo na Venezuela e todo o esforço do governo empenhado nessa indústria, originou-se uma situação em que os outros setores e indústrias ficaram de lado e não receberam incentivo suficiente, fazendo com que a indústria do petróleo fosse supervalorizada, e outras, como a de tecnologia e da agricultura, por exemplo, ficassem para trás. O ano de 2014 foi decisivo para a Venezuela e todos os demais países que sustentavam sua economia, ou parte dela, no petróleo, como nos indica Silva, a seguir:

A partir do auge em 2014, o preço do barril caiu vertiginosamente até atingir o patamar de US\$ 32 em fevereiro de 2016. A Venezuela, particularmente, vendia seu petróleo a US\$ 21 por barril em janeiro de 2016, a um custo de cerca de US\$ 18 o barril. Dada a dependência do país e das políticas públicas desse único setor econômico, o cenário econômico e social que se seguiu foi de catástrofe (FIGUEIRA, 2017). Esse período também coincide com o período do governo de Maduro, o chavismo pós Hugo Chaves. (SILVA, 2018, p.11).

A desestruturação provocada pela queda do preço do barril de petróleo mundialmente causou uma grande desvalorização da moeda venezuelana. Em 2014, o mercado paralelo depreciava a moeda em 88% a mais em relação ao câmbio oficial, ou seja, de um câmbio de 6,3 bolívares por dólar, na verdade, conseguia-se trocar 51 bolívares por dólar (JIMENEZ, 2014). A questão da desvalorização da moeda venezuelana afeta diretamente a importação de produtos que não são produzidos no território, como alimentos, medicamentos e outros de consumo sumamente importantes para a população, considerando que uma parcela desses produtos também fazia parte da produção de empresários que se opõem ao governo de Maduro (SILVA, 2018). A escassez de produtos aliada à queda do salário mínimo fez com que a qualidade de vida do cidadão venezuelano caísse verticalmente. Camila Rodrigues afirma que " Em um cenário com o salário mínimo de 325.544 bolívares (R\$ 46), uma simples camiseta de algodão custava 30.000 bolívares" (2018, p. 9) indicando a dificuldade dessas pessoas em adquirir produtos simples.

Apesar do governo Maduro ter deixado de publicar alguns dados oficiais sobre a questão socioeconômica no país, o relatório do World Economic Outlook do Fundo

Monetário Internacional (FMI)⁸, publicado em outubro de 2018 apontou que aproximadamente 26,4 % da população em idade ativa na Venezuela está desempregada.

Os fatores econômicos aliados às questões políticas são importantes para que o fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil e outros países seja compreendido. A pesquisadora Rosana Baeninger (2016), pesquisadora da UNICAMP, indica que as migrações internacionais tendem a se intensificar, correspondendo à mesma velocidade da mobilidade do capital, “com a conseqüente redefinição no papel da migração no desenvolvimento e constituição do mercado de trabalho no país” (BAENINGER, 2016, p. 23).

Segundo o estudo realizado por Silva (2018), o principal destino adotado pelos venezuelanos que chegam pela fronteira norte do país são os estados de Amazonas e Roraima, onde alguns estudos etnográficos foram realizados. Roraima, em especial, recebe a maioria dessas pessoas por ser o estado que faz fronteira terrestre com a Venezuela. A maioria faz a rota da cidade de Santa Elena de Uairén para Pacaraima (RR), dali boa parte vai para Boa Vista (RR) e outros seguem para Manaus (AM).

Um dado interessante coletado por Simões (2017) é que o número de venezuelanos que voltam ao seu país é consideravelmente grande em relação ao número de pessoas que cruzam a fronteira em direção ao Brasil, ou seja, existe um movimento pendular, de pessoas que voltam à Venezuela. Em 2016, entraram pelo ponto de migração terrestre na fronteira 56.800 venezuelanos e retornaram 47.108, o que permite uma aproximação em torno de 9.700 venezuelanos que ficaram em território brasileiro. Em 2017, entraram por Pacaraima 24.379 (até 10 de julho de 2017) e retornaram 13.868, o que contabiliza, em termos líquidos, 10.511 venezuelanos, número mais próximo aos 7.600 pedidos de refúgio contabilizados no primeiro semestre de 2017. (SIMÕES, 2017)

Segundo dados da Polícia Federal (PF), os venezuelanos em Roraima que solicitaram refúgio são divididos em 58,28% homens e 41,72% mulheres. Com relação à idade, o número de jovens e adultos é maioria, o que classifica essa migração como uma migração de trabalho e oportunidades. Segundo dados da PF, 80% dos venezuelanos em Roraima que solicitaram refúgio encontram-se nas faixas etárias de 20 a 39 anos e 40 a 59 anos (SIMÕES, 2017).

O estado de Roraima não tem um histórico grande de recepção de migrantes. Historicamente o fluxo migratório se estabelecia a partir de pessoas que deixavam o local

⁸ Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2018/02/weodata/index.aspx>> Acessado em: 10 de novembro de 2019.

Venezuela e trabalhar no garimpo, por exemplo. Por isso, tanto a capital Boa Vista quanto Pacaraima, que têm recebido maior quantidade de venezuelanos, estão com os serviços públicos sobrecarregados, e os moradores locais associando a migração venezuelana a crimes, prostituição, precarização do trabalho e doenças (SIMÕES, 2017).

De acordo com Silva, o migrante venezuelano que se estabelece na região sudeste do país tem um perfil diferente daqueles que ficam pela região norte: geralmente são pessoas que têm um poder aquisitivo maior e por isso podem pagar por passagens de avião, que os deixam diretamente em cidades como São Paulo. Segundo o Consulado da Venezuela no Brasil, em agosto de 2017 existiam na cidade de São Paulo mais de 10 mil migrantes da Venezuela, enquanto no ano de 2012 a estimativa era de que existiam cerca de 7500 deles espalhados por todos o território brasileiro (SILVA,2018).

O relatório da Missão da Paz apresentado por Silva(2018) admite migrantes venezuelanos localizados na região Norte são descendentes de indígenas ou moradores da região de fronteira de estados como Delta Amacuro, Bolívar e Amazona. Essas pessoas não têm poder aquisitivo suficiente para chegar até São Paulo e geralmente ficam na região de Boa Vista e Manaus, chegando muitas vezes até algumas cidades do Nordeste como Recife e Fortaleza. Além disso, existe ainda a questão dos povos indígenas que foram expulsos de suas terras originárias pela construção de hidrelétricas e da exploração de petróleo culminando em deslocamentos para outros países, como é o caso dos índios Warao.

Os indígenas Warao são um povo originário do Delta do Orinoco, no Estado do Delta Amacuro, apesar de viverem também em estados vizinhos, como Monagas, Bolivar e Sucre. Devido às invasões de suas terras por agricultores e pecuaristas e pela exploração de petróleo na década de 90, viram-se obrigados a transladarem-se parcialmente às regiões urbanas da Venezuela. De acordo com García Castro (2000), sete em cada dez Waraos vivem hoje em algum espaço urbano. No contexto econômico venezuelano essas pessoas se inserem economicamente fazendo trabalhos no setor de serviços: ajudantes de pedreiro, descarregadores, cuidadores de propriedades.

Devido à grande crise econômica e política na Venezuela, muitos Waraos viram a necessidade de migrar para outros países, como o Brasil. A maioria faz o percurso de ônibus e chega até Pacaraima, se estabelecem em espaços públicos próximos à rodoviária da cidade ou se abrigam em marquises no centro de artesanato da cidade. Após o processo de documentação, muitos são levados até Boa Vista (RR) ou até Manaus (AM) de ônibus.

Existem alguns casos de indígenas waraos que percorreram 200 quilômetros a pé de Pacaraima até Boa Vista (SILVA, 2018)

A estadia dos Warao é marcada por lugares com condições de pouca higiene e insalubridade. Em um primeiro momento foram usados acampamentos ao ar livre, que posteriormente devido a uma ação movida no Ministério Público Federal contra o governo estadual foram substituídos. Os Warao foram direcionados a quadras de esportes adaptadas gerenciadas pela Secretaria de Estado e Assistência Social - SEAS. A partir daí foram alocados em diferentes abrigos, muitas vezes tendo que conviver com a população não indígena, gerando conflitos, como afirma Sidney Silva em seu texto.

Anteriormente à distribuição dessas pessoas em abrigos, muitos viviam em casa sublocadas, onde tinham que pagar cerca de 10 reais por dia para garantir sua estadia. Esses locais tinham um nível de insalubridade tão elevado que algumas doenças como sarampo, gripe, diarreia, pneumonia e doenças de pele começaram a se proliferar.

A “tática” de sobrevivência utilizada por eles em Manaus é a mesma já adotada em outras cidades da Venezuela, Como São Felix, Barrancas, Caracas, Valência, entre outras, ou seja, a prática de pedir dinheiro nas ruas da cidade, inicialmente acompanhadas de crianças. Segundo a coordenadora do Serviço de acolhimento institucional de adultos e famílias do Coroado, várias crianças contraíram pneumonia em razão da exposição excessiva ao sol. Tal prática foi coibida a partir do momento que a SEJUSC interveio alertando às mães que se fossem vistas com suas crianças nas ruas, essas seriam entregues ao Conselho Tutelar da Infância e da Adolescência. (SILVA,2018).

Apesar da questão de o alojamento estar parcialmente resolvida pelo fato de estar dessas terem sido transferidas para lugares com melhores condições para viver, existem ainda algumas questões referentes à população migrante que precisam ser resolvidas. Problemas como a falta de atividades econômicas sem a tutela do Estado brasileiro, a educação de crianças e o aprendizado da língua portuguesa pelos adultos e sua formação para entrar no mercado de trabalho. Silva (2018) diz também sobre como é importante a presença de alguma autoridade warao em solo brasileiro por uma questão de organização e preservação da identidade cultural.

5.2. Conflitos na fronteira

Existem muitos casos de conflitos que aconteceram na região da fronteira envolvendo a população local e os migrantes. Principalmente na cidade de Pacaraima

existem casos de acampamentos que foram destruídos, migrantes que foram perseguidos e espancados e até um caso em que um casal com sua filha foram atacados com óleo quente enquanto dormiam. É importante sabermos de qual forma esse comportamento da população roraimense reflete uma situação política mundial de rejeição ao estrangeiro.

Em agosto de 2018, após um grupo de venezuelanos terem assaltado um comerciante em Pacaraima houve reação da população local que queimou acampamentos. Segundo o portal de notícias *GI*⁹ cerca de mil brasileiros saíram às ruas e expulsaram uma parcela dos migrantes que viviam nas ruas da cidade. Atos como esse encontram respaldos nos discursos de políticos de alto escalão como o Presidente da República Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL) que em declaração ao *Jornal Opção*¹⁰, de Goiás chamou os migrantes que chegam ao país de “escória do mundo”. Bolsonaro obteve 71,55 % dos votos no estado de Roraima, o que significa 183.288 votos válidos, e mantém abertamente um discurso de ataque à esquerda e seus “perigos”, incluindo a preocupação de “o Brasil virar uma Venezuela”, o que demonstra desde cedo sua aversão não só aos migrantes como também à sua origem específica.

Outra figura, agora da política local roraimense é a ex-governadora Suely Campos do Partido Progressista, afastada de seu cargo antes de completar o mandato pelo motivo de ameaça à ordem pública, por sua ingerência no que se refere às crises do sistema prisional de Roraima. Em muitas oportunidades, Campos apontou a entrada de migrantes venezuelanos como um grande perigo à sustentação econômica do estado de Roraima, que teria que arcar com os cuidados e a assistência a todas essas pessoas. Após o episódio de tumulto relatado no parágrafo anterior em Pacaraima, Suely Campos pediu ao STF que a fronteira fosse fechada¹¹, decisão que foi negada pela ministra Rosa Weber, alegando que tal decisão caberia apenas ao então Presidente da República, que até então era Michel Temer do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A ex-governadora também editou um decreto que tentou impedir o acesso do povo venezuelano aos serviços públicos brasileiros.

Grandes figuras da política de discurso contrário à migração, acabam por incentivar setores da sociedade a rechaçar e hostilizar o migrante com a justificativa de que esses vão

⁹ Disponível em : <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml>> acesso em 9 de novembro de 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>> Acesso em: 9 de novembro de 2019.

¹¹ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-08/governadora-de-roraima-determina-controle-da-fronteira-venezuelana>> Acesso em: 9 de novembro de 2019.

“tomar seus empregos” ou desacelerar economicamente o país, sendo que historicamente o migrante incrementa as economias locais, se não nacional.

Em relação ao desemprego, apesar da consciência do aumento do desemprego no Brasil todo nos últimos anos, reforça-se a dificuldade local sob a alegação de que os venezuelanos estão “roubando” os empregos dos brasileiros, porém, não se destacam os índices de crescimento econômico e da geração de empregos obtidos pelo estado em 2016, acima da média nacional, os quais possuem relação direta com a entrada desses migrantes na região, pois geram maiores demandas e oportunidades (SILVA, 2017)

É necessário levar em conta a importância da construção de discursos que apontam um único setor da sociedade como o responsável por uma crise mais ampla. Transformar o migrante venezuelano no responsável pelos problemas pelos quais o estado de Roraima passa foi a estratégia utilizada pela ex-governadora para não admitir sua má gestão, e sustentada pela figura popular do presidente Jair Bolsonaro, até então apenas candidato à presidência, surtiu efeitos claros e trágicos na vida de milhares de pessoas que cruzaram a fronteira de volta à Venezuela, fugindo da hostilidade brasileira. . É importante também analisar de que forma a própria sociedade receptora percebe esse contingente migrante, e é nessa etapa de formação de noções no senso comum que a atuação de veículos de comunicação honestos e compromissados com a promoção da cidadania são importantes.

Deve-se observar o fenômeno migratório venezuelanos a partir de uma ótica de direitos humanos, ver essas pessoas como cidadãos que saem de seu território a fim de conseguir alcançar condições que lhes possibilitem dignidade para viver. Como vimos ao longo desse capítulo a Venezuela é um país que teve um momento de grande incremento de sua economia e que conseguiu se estabelecer como receptor de migrantes regionais e internacionais. Porém, a partir de 2014 a situação política e econômica do país tornou-se instável e o país passou a enviar migrantes principalmente para os outros países do continente. Nesse contexto é importante ressaltar a importância da criação de uma boa estrutura de acolhimento e administração da população migrante nos países receptores para que sejam evitados episódios como os que aconteceram na fronteira roraimense em 2018.

6. Estudo de caso

6.1. Recorte

Este estudo pretende analisar e identificar os tipos de narrativas nas quais os migrantes venezuelanos estão inseridos dentro da imprensa brasileira. Para isso, usamos matérias colhidas do Acervo Folha, que é uma função dentro do site do grupo Folha que possibilita o acesso de qualquer usuário a todo conteúdo publicado tanto online quanto impresso, já que não é necessário nenhum tipo de assinatura para acessá-los. O jornal em específico que tratamos é o Folha de S.Paulo e apesar de as reportagens terem sido acessadas através de uma plataforma online, todas elas fizeram parte necessariamente da versão impressa. No total, analisamos cinco reportagens que circularam entre 1º de janeiro de 2018 até 31 de dezembro de 2018. A escolha do ano se deve às eleições que aconteceram tanto na Venezuela como no Brasil e pretende-se analisar os efeitos disso na imprensa brasileira, considerando o grande avanço de uma extrema direita que adota discursos contrários ao governo de Nicolás Maduro.

A Folha de S.Paulo foi o veículo selecionado por se tratar de um dos maiores veículos de comunicação do país, alcançando cerca de 20,2 milhões de brasileiros mensalmente, segundo a Métrica Única de Audiência, lançada em 2016 pela Associação Brasileira de Jornais, configurando-se como o jornal de maior alcance no país¹². O meio de encontrar as matérias que serão analisadas foi através da ferramenta de busca avançada do site. Primeiro delimitamos o período de tempo e depois buscamos pelas palavras-chave “migrante”, “Venezuela” e “venezuelano”, os cadernos selecionados foram “Mundo”, “Cotidiano” e “Poder”. A partir desses filtros foram encontrados 156 resultados que foram devidamente lidos e passaram por uma seleção. Descartamos as matérias segundo os seguintes critérios: informações repetidas, textos que falavam sobre refugiados cujo destino não era o Brasil, acontecimentos internos da Venezuela, textos que falavam apenas de estatísticas, textos que falavam de maneira muito superficial (abordando migrantes de diversas nacionalidades) e questões diplomáticas entre a Venezuela e o mundo. Por outro lado, os critérios para selecionar as matérias foram: textos que falassem sobre migrantes venezuelanos dentro do Brasil, situações de conflito e cotidiano e também a disposição desses textos dentro do layout

¹² Considerando as versões para aparelhos móveis, internet e o impresso. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1744085-no-impresso-internet-e-celular-folha-e-jornal-de-maior-alcance-do-pais.shtml>> Acesso em 11 de novembro de 2019.

do jornal. Ao final, foram selecionadas 5 matérias representantes das temáticas que mais apareceram nos resultados da pesquisa e que tinham mais elementos para serem discutidos.

A escolha de priorizar matérias que trouxessem situações de conflito e do cotidiano se deve à facilidade que há em criar narrativas muitas vezes problemáticas e parciais quando se noticia esses tipos de acontecimentos, devido à urgência para serem divulgados. Observamos a própria disposição das matérias pelos espaços das páginas, em quais seções estão localizadas e cercado por quais outros elementos elas estão também por considerarmos que esses se constituem como meios de transmitir ideias e sugerir coisas mesmo que indiretamente para o leitor.

É certo que os números estatísticos selecionados e a forma como são selecionados são importantes para a percepção do público sobre determinados assuntos, porém as matérias que se constituem apenas de números foram descartadas por uma questão de praticidade e para que se constitua uma homogeneidade no material analisado, já que analisar números envolve também analisar as instituições que os emitem.

Não foi selecionado um perfil específico de migrante, a partir de idade, sexo, classe social ou etnia pelo fato de a maioria das matérias tratar genericamente dos migrantes, muitas vezes não especificando as pessoas e sim as tratando como grupo. Por isso, pode-se dizer que serão analisados os migrantes venezuelanos no geral.

Segue abaixo uma relação das matérias que estavam dentro dos critérios de seleção, porém que não cabiam ser analisadas individualmente devido à proposta do trabalho. Existem matérias que poderiam ter sido selecionadas por mais de um critério, porém a separação foi feita de acordo com o rumo que a matéria levou e os pontos que foram mais destacados pelos repórteres. As matérias em negrito foram as selecionadas para a análise e, como dito anteriormente, tratam de temáticas recorrentes do jornal.

Critério para seleção	Título da matéria	Seção	Data de publicação
Migrante como inconveniente	“Migrante não é mercadoria para ser devolvido’, diz Bolsonaro”	“Mundo”	25/11/2018
	“Abrigo vira campo de batalha entre venezuelanos e moradores de rua”	“Cotidiano”	15/11/2018
	“RR dará ônibus para repatriar venezuelanos”	“Mundo”	22/09/2018

	“Crise migratória vira principal assunto da eleição em Roraima”	“Poder”	31/08/2018
	“Temer fala em usar senhas para a entrada de venezuelanos”	“Poder”	30/08/2018
	“Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em Roraima, que vive crise fiscal”	“Mundo”	26/08/2018
	“Aumenta o número de venezuelanas que vêm ao Brasil para ter bebê”	“Mundo”	23/08/2018
	“Quintuplica total de venezuelanos em escolas de Roraima, e já faltam vagas”	“Mundo”	22/04/2018
	“‘Êxodo venezuelano perturba’, diz Temer”	“Mundo”	21/03/2018
	“Temer decretará emergência em Roraima”	“Mundo”	15/02/2018
	“Sem estrutura Boa Vista acolhe mais de 40 mil venezuelanos”	“Mundo”	29/01/2018
Migrante como vítima	“Emprego e autonomia são desafios para famílias venezuelanas no interior”	“Mundo”	29/12/2018
	“Venezuelanos deixam Roraima de ônibus e voltam ao país vizinho”	“Mundo”	17/10/2018
	“Após linchamento, venezuelanos deixam RR”	“Mundo”	10/09/2018
	“Refugiados trabalham por menos que o salário mínimo em Roraima”	“Mundo”	30/08/2018
	“Abrigos para índios waraos lotam e dois bebês morrem”	“Mundo”	29/08/2018
	“Migrantes vivem cotidiano de fome, preconceito e violência”	“Mundo”	26/08/2018
	“Em busca de trabalho, indígenas warao vão a garimpo no Pará”	“Mundo”	24/08/2018
	“Boatos alimentam conflitos com venezuelanos”	“Mundo”	21/08/2018
	“Brasileiros ‘atiram’, ‘atacam’ e ‘queimam’ campos de refugiados”	“Mundo”	20/08/2018

	“No Rio, venezuelanos relatam fome e procuram trabalho”	“Mundo”	05/07/2018
	“Segunda leva de venezuelanos interiorizados chega a Manaus	“Mundo”	05/05/2018
	“Grupo de refugiados venezuelanos chega a São Paulo”	“Cotidiano”	06/04/2018
	“‘Golpe de emprego’ mira venezuelanos”	“Mundo”	01/04/2018
	“Brasileiros atacam abrigo de venezuelanos em Roraima	“Mundo”	21/03/2018
	“Da fome ao medo”	“Mundo”	19/02/2018
	“Venezuelanos abandonam filhos no orfanato por não poder alimentá-los”	“Mundo”	15/02/2018
	“Refugiados realizam atos em Boa Vista”	“Mundo”	10/02/2018
Migrante como marginal	“Interventor quer antecedentes de venezuelanos”	“Cotidiano”	09/12/2018
	“Governo autoriza o envio de forças armadas para conter crise”	“Mundo”	29/08/2018
	“Venezuelanos e brasileiros se confrontam em RR”	“Mundo”	19/08/2018
	“Total de casos de sarampo é o maior desde 1999	“Cotidiano”	02/08/2018
	“Vacinação, proteção necessária a todos”	“Mundo”	24/07/2018
	“Fluxo alimenta xenofobia, tráfico, doenças e abandono de crianças”	“Mundo”	10/06/2018
	“Conflitos e doenças são comuns em abrigos”	“Mundo”	29/01/2018

6.2. Metodologia

O método utilizado para realizar o estudo do material é uma análise tomando como indicadores teóricos autores que tratam da análise do discurso, porém estamos propondo uma

interpretação livre desses conceitos. As obras “A ordem do discurso” (1970) de Michel Foucault e “Discurso e mudança social” (2001) do pesquisador inglês Norman Fairclough são as obras principais que estruturaram a análise. A partir da escolha de palavras, frases, comparações, imagens, gráficos, e tabelas apresentadas pelos jornalistas da Folha de S. Paulo tentaremos identificar narrativas e ideias que transpassam em vários níveis o material. Outro trabalho importante que serviu de suporte para o estudo é o “Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil” de Denise Cogo e Maria Badet, publicado em 2013.

A obra de Foucault foi utilizada de modo a criar uma grande base sobre a qual toda a análise toda foi construída. “A ordem do discurso” é o livro que apresenta o discurso inaugural de Foucault como professor no *Collège de France*, em 1970. Foucault diz que em todas as sociedades a produção do discurso é a todo momento controlada, selecionada e organizada, ou seja, se há rituais na sociedade, haverá rituais para com os discursos. As influências da época e da sociedade mudam a forma de pensar e de considerar os discursos, por exemplo quem quiser ser considerado como verdadeiro no ramo da ciência, deverá obedecer às normas daquela área, o que estiver fora desses conceitos será considerado como falso.

O autor continua sua abordagem e apresenta outros meios de controle do discurso. Foucault começa falando do comentário e defende que o comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte. Outro elemento que limita o discurso é o autor, esse é visto como origem das significações presentes no discurso. Para Foucault, o autor é um elemento que completa o comentário. Dentro desse grupo se inclui a disciplina cujo controle do discurso é diferente do comentário e do autor, ou seja, a disciplina exerce seu controle na produção dos discursos por meio da imposição de limites e de regras.

A obra de Fairclough é a que de modo mais efetivo deu as bases para identificar e analisar os vestígios presentes no texto escrito e nas imagens que indicam relações de poder. Esta obra é uma introdução valiosa para estudos em Análise Crítica do Discurso (ACD) e como essa análise é essencial para a prática nas mais diversas disciplinas, desde a Linguística e a Sociolinguística até os estudos culturais e sociológicos; ou seja, é uma contribuição preciosa para os estudos interdisciplinares, sobretudo em Ciências Humanas

Ele aplica o conceito de “rotinas internacionais” ao perceber as formas como são promovidas as interações entre sujeitos no discurso e as situacionalidades em que são separados ou misturados no texto, concluindo que a naturalização dos fatos contribui para

uma afirmação da imagem dos sujeitos sociais a partir do senso comum: “A prática discursiva é constitutiva tanto da maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”.(2001, p.88) Portanto, esses estudos também podem contribuir para os estudos de gênero e representações sociais. Enfim, oferece múltiplas performances, de acordo com os objetivos de pesquisa dos estudiosos.

O “Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores - Migrantes no Brasil” é uma obra organizada por Denise Cogo e Maria Badet e que foi desenvolvida por um conjunto de pesquisadores que estudam migração em diversas universidades nacionais e internacionais. A proposta do guia é estudar os diferentes tipos de relação entre o campo da comunicação e os movimentos migratórios com a preocupação de trazer resultados positivos para a realidade de quem migra. Nesse guia existe uma série de recomendações e contraindicações de como se deve comunicar informações referentes aos processos migratórios.

6.3. Análise

A primeira matéria e provavelmente a mais rica em elementos a serem analisados se intitula “Conflitos e doenças são comuns em abrigo” (ver ANEXO A) e está localizada na parte inferior de uma página totalmente dedicada a falar de maneira problemática sobre a crise venezuelana e a vinda de refugiados para o Brasil. A matéria se divide basicamente em duas partes, sendo que a primeira se dedica a falar sobre a questão da violência, enquanto a segunda, separada pelo subtítulo “precariedade” propõe trazer informações sobre a salubridade nos abrigos.

Em primeiro lugar é necessário ressaltar a importância do título da matéria, muitas vezes é o único contato que leitor tem com aquele assunto e um título descontextualizado pode levar à formação de ideias incompletas ou problemáticas sob o ponto de vista da dignidade humana. Dizer logo de início que conflitos e doenças são situações comuns em abrigos de refugiados pode levar à conclusão de que os venezuelanos no geral são um povo violento e/ou sujo e sem higiene. Pelo fato de que apenas um abrigo ser retratado não é recomendável que a manchete exprima uma ideia tão geral da situação, seria mais apropriado mencionar apenas “abrigo” no lugar da palavra no plural. Cogo e Badet (2013) falam sobre os perigos da associação da imagem do migrante com a violência, o que acaba muitas vezes

resultando também na associação da nacionalidade como um todo com a violência. Os primeiros três parágrafos da matéria trazem informações que relacionam os aumentos nos índices de violência exclusivamente com a presença de refugiados na região. O primeiro parágrafo traz um caso de baixa relevância no quadro geral de violência quando se diz que “no início de janeiro, a bicicleta de um integrante do Corpo de Bombeiros Militar de Roraima sumiu [...] dias depois a encontrou no abrigo de venezuelanos que monitora”, trata-se evidentemente de uma associação à figura do refugiado ao crime, mesmo que seja por um crime de tão baixa gravidade.

Logo após, ainda na mesma coluna, existe o uso de dados que apontam a relação entre venezuelanos e brasileiros que estão encarcerados em Roraima: dos 2758 presos, 33 nasceram na Venezuela. A questão é que a fonte desses “dados oficiais” não foi informada e por isso não há como saber sobre sua relevância real no quadro de criminalidade, lembrando-nos daquilo que Cogo e Badet fala sobre o perigo do uso de dados descontextualizados, no caso sem as devidas fontes, usados para dar maior credibilidade a uma ideia. Além disso, há ainda a associação de cinco venezuelanos com facções criminosas brasileiras, a partir de uma pichação encontrada em um abrigo. Aqui o autor do texto passa a supor elementos que ainda não estão comprovados, o que não é recomendado para o texto jornalístico. Destaca-se ainda a frase que segue estas informações: “a sensação da população, porém, é de insegurança”, o que resume basicamente o propósito do texto, que é colocar o refugiado como ameaça ao povo brasileiro.

A segunda parte da matéria fala da questão da salubridade, ainda no mesmo abrigo chamado de Tancredo Neves. Nesse momento são trazidos à tona uma série de elementos que colocam os refugiados em situação ainda mais inferior: prostituição, o uso de drogas, violência dentro dos abrigos, fome e a propagação de doenças. A matéria é finalizada com informações sobre a falta de assistência pela qual o governo do estado de Roraima passa e mais uma vez fala sobre a insegurança em que vivem os brasileiros no estado.

A matéria não conta com “olhos” nem imagens, mas como dito, faz parte de uma página inteira dedicada a destacar os pontos negativos da migração venezuelana no Brasil, falando sobre como essas pessoas “exaurem” o sistema público de saúde educação e como essas pessoas estão em situação de fome e de rua. O mais apropriado seria destacar pontos como o descaso do governo federal e o despreparo do país para receber um contingente tão grande de migrantes, mas optou-se por uma espécie de vilanização dessas pessoas.

A segunda matéria, “Da fome ao medo” (ver ANEXO B), também é um caso em que o título sugere muito para o leitor, porém, diferente do primeiro caso, dessa vez acontece uma espécie de vitimização do refugiado. O texto faz parte de uma espécie de quadro dentro do jornal intitulado “minha história” e conta a história de uma família de venezuelanos que foram atacados com fogo enquanto dormiam em uma casa abandonada em Pacaraima. O fato de ser escrito em primeira pessoa acaba potencializando o lado emocional do texto e apelando para os sentimentos do leitor. Cogo e Badet (2013) comentam que não é interessante que se construa a imagem do migrante apenas como vítima da situação e apesar da maioria se transladar por motivos econômicos cabe também colocar em pauta outros aspectos de suas vidas. O fator econômico é evidenciado diversas vezes, quando se fala por exemplo da situação deles na Venezuela e como fazem para se manter atualmente no Brasil.

Outro elemento importante no texto é o destaque se dá para a nacionalidade do agressor, que é um homem guianense. O que essa informação acrescenta ao texto? Existe aí um perigo de generalização de toda uma nacionalidade por um ato pontual, por isso em casos como esses não é recomendado mencionar a nacionalidade do agressor (COGO, BADET, 2013). É claro que em uma publicação jornalística o recomendável é informar a maior quantidade de informações sobre o sujeito, porém por um ponto de vista humano o melhor seria não informar, por esse ser um elemento que ajuda na marginalização do sujeito migrante. Mencionar a nacionalidade desse homem pode agir, nesse caso, como uma estratégia de eliminar definitivamente a ideia de que possa ter sido um brasileiro o malfeitor e jogar para cima de outro migrante a culpa por esse ato de crueldade.

Existem duas fotos que ilustram a matéria: a primeira é uma foto da família reunida em volta do pai que tem suas pernas enfaixadas devido ao ataque, todos com semblante triste e com um fundo que revela a estado improvisado de sua moradia. A segunda foto é um detalhe da mão da filha mais atingida, que teve 25% do corpo queimado. Ambas trabalham para construir um clima de desastre e consternação no leitor.

O texto ter sido publicado em primeira pessoa é uma alternativa interessante por se tratar de um espaço em que se dá voz ao personagem e não o menciona apenas a partir da visão autoridades ou porta-vozes. Ao final do texto, a personagem destaca que recebe muitas doações de brasileiros, mas que quer viver uma vida digna, isso pode ser considerado mais um vestígio da ideia do autor em trazer a noção de que os brasileiros na verdade não são os agressores, mas sim as pessoas que estendem a mão para os necessitados venezuelanos.

A terceira e a quarta publicações juntas formam uma situação interessante para ser analisada. Como discutido anteriormente, além da observação do próprio texto é importante também examinar a disposição dele no espaço físico do jornal. No caso do impresso é importante analisar a página em que está inserido, em qual região da página e ao lado de quais outros elementos a publicação se apresenta. Seguindo o primeiro exemplo, a terceira matéria (ver ANEXO C) segue uma linha um pouco mais agressiva, com a manchete “Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em RR, que vive crise fiscal”. Logo no início do texto o autor faz uma comparação entre a cidade de São Paulo e Boa Vista, dizendo para o leitor imaginar como a maior cidade do país ficaria se recebesse um contingente de refugiados equivalente a 10% da população de sua população, como foi o caso de Boa Vista depois da chegada dos venezuelanos. A comparação serve basicamente para duas coisas: fazer um paralelo com a cidade em que está o maior público do jornal e também apresentar um número mais impactante do que o número real, diz-se “imagine se a cidade de São Paulo recebesse 600mil refugiados em apenas dois anos.” Conforme indica Cogo e Badet (2013) deve-se evitar transmitir informações que passem a noção de que existe uma “invasão” ou uma espécie de “avalanche” de migrantes em determinado lugar, por se tratar de uma situação que facilmente pode transformar essas pessoas em “usurpadores” do sistema público e dos espaços no imaginário social.

Além dessa comparação, o texto fala sobre as diferenças da aparência da cidade antes e depois dos refugiados. O autor comenta sobre como Boa Vista sempre foi considerada uma das melhores cidades do país, por ser planejada e sem uma população de rua visível, depois fala sobre como os refugiados estão revertendo esse quadro e deixando a cidade com uma grande população de rua e pedintes. É importante ter o cuidado de não passar para o leitor a noção de que o refugiado é o culpado por abarrotar as ruas da cidade e sobrecarregar os serviços de saúde e educação, tirando dela o status de uma das melhores cidades do país. No lugar disso, deve-se indicar a insuficiência dos governos estadual e federal em lidar com a situação e trazer as declarações sobre como a situação chegou a esse ponto. O texto ainda traz declarações da população de Boa Vista, que reclama que estão “perdendo seus espaços”, o que acaba dando a noção de que as únicas vítimas são os brasileiros. No final do texto levanta-se a questão da prostituição como outro motivo de reclamação da população nativa, por estarem roubando os clientes das brasileiras. O texto acaba com uma reflexão a respeito de como os políticos se aproveitam desse momento do estado para se promoverem a partir de um discurso xenóforo.

Para complementar o texto, existe uma imagem em que uma série de migrantes estão nos arredores da rodoviária de Boa Vista deitados a céu aberto, ilustrando a ideia do aumento do número de moradores de rua, o foco da imagem está em uma criança dormindo ao lado de uma pessoa que parece ser sua mãe. Existe ainda um infográfico chamado “Raio-X Boa Vista - Roraima” que traz informações sobre o desemprego, PIB, salário mínimo e saneamento básico e IDH, porém os dados são de 2010 e 2016, não podendo se referir às consequências do aumento do número de migrantes na cidade.

O quarto texto (ver ANEXO D) está na logo abaixo do terceiro, na mesma página e apresenta um tom que contrasta muito com a matéria anterior. “Migrantes vivem cotidiano de fome, preconceito e violência” conta sobre a situação de precariedade em que vivem os migrantes em Boa Vista. O que se encontra aqui é outra publicação que apela para a vitimização e estigmatização do migrante venezuelano, porém de forma muito mais contundente do que na segunda matéria. Frases como “a doença da maioria dos venezuelanos que chega aqui é a fome” e “o cotidiano dos venezuelanos é feito de pequenas e grandes indignidades” ajudam a criar a noção de que vulnerabilidade é uma característica própria dessas pessoas, e não que é um estado passageiro e que essas pessoas na verdade são especialistas e em algum momento viviam bem.

O autor traz algumas histórias trágicas de vida e conta sobre sonhos e problemas que os migrantes encontraram aqui no Brasil. Da metade para o fim, o texto se dedica a contar histórias de violência contra o migrante em Roraima e algumas situações de injustiça, como a perseguição das autoridades e a recusa de atendimento de alguns estabelecimentos públicos, em casos explícitos de xenofobia. Nesse momento nos é apresentada uma mulher chamada Belks Campos que é praticamente um ímã de desgraças. A mulher é inserida como mãe de um venezuelano que foi assassinado ao se defender de um assalto, logo depois foi presa por tentar vingar seu filho, foi revelado que a mulher tinha sido diagnosticada com câncer de mama e por fim estava esperando um exame que era necessário para passar por uma cirurgia, porém a única vaga para o exame era no mesmo dia do enterro do filho e por isso a mulher perdeu a oportunidade de uma possível cura. Esse é o maior exemplo de uma tentativa desesperada de apelo para os sentimentos do leitor para se apiedar da situação, colocando o migrante mais uma vez como pessoa vulnerável e não destacando outros aspectos da vida dessas pessoas. Um bom texto, segundo Cogo e Badet (2013), tem a responsabilidade de mostrar caminhos para uma possível solução, seja contactando autoridades para que seja resolvido o problema ou conscientizando sobre questões que

atingem um grande número de pessoas, não casos tão específicos como esse. O texto ainda é acompanhado por uma foto do enterro do filho de Belks que está chorando acompanhada de outras pessoas que a consolam.

É interessante pensar como na terceira matéria a palavra escolhida faz menção direta à nacionalidade dos refugiados e em alguns pontos faz uma relação direta de violência e sobrecarga dos serviços públicos com essas pessoas, enquanto na quarta matéria a palavra escolhida é “migrante”, sem revelar necessariamente a nacionalidade, o que pode se caracterizar como uma ferramenta para suavizar o tratamento e evidenciar a questão da vulnerabilidade.

A quinta publicação (ver ANEXO E), “Refugiados trabalham por menos que salário mínimo em Roraima”, se inicia com a história de um refugiado que tenta arrumar uma acomodação em Pacaraima e consegue apenas um espaço em um estábulo junto com animais, trabalhando em uma fazenda na cidade. O início do texto comenta sobre uma possível semelhança entre a história de Jesus e a desse homem, por ter se instalado em um estábulo e o texto segue falando sobre a questão da exploração a que esse homem é submetido, é possível que essa comparação tenha se estabelecido para criar uma empatia instantânea no leitor, por se tratar de uma figura tão emblemática quanto Jesus.

A recomendação de Cogo e Badet para o tratamento de questões relacionadas à exploração de mão de obra migrante passa por escutar fontes migrantes, não utilizar termos pejorativos e discriminatórios; contribuir para reforçar a importância dos direitos trabalhistas e direitos humanos e contextualizar a notícia. O texto atende ao requisito de escutar a fonte migrante, mesmo que possa haver uma certa seleção prévia do depoimento a ser divulgado e o contexto em que ele é inserido; contribui parcialmente para reforçar a importância dos direitos trabalhistas, uma vez que denuncia formas de trabalho análogas à escravidão, porém não contribui falando diretamente sobre legislação, não entra em contato com órgãos responsáveis pedindo explicações e também não faz recomendações para a denúncia de tais situações, tratando-se portanto de uma matéria que traz informação mas acaba não sendo muito eficaz no reforço da importância dos direitos trabalhistas.

No processo de seleção das matérias algumas temáticas foram recorrentes, principalmente três modos principais de retratar o migrante venezuelano no Brasil: o primeiro é o caminho da marginalização, em que o migrante é o causador da baderna, da violência e de outros tipos de crime (como no caso da primeira matéria); o segundo modo é o do migrante como inconveniente, como aquele que ocupa os espaços de cidades que antes não

tenham população de rua visível e que tem seus sistemas de saúde e educação sobrecarregados pela população refugiada (como é o caso da terceira matéria) e por fim, o terceiro meio e mais comum é o de vitimização do migrante, colocando-o como ser vulnerável e passível da pena dos outros cidadãos (como é o caso da segunda e da quarta matérias). Ainda foi possível trabalhar especificidades sobre como pode ser inserido o migrante de outra nacionalidade que não venezuelano e o brasileiro, como é o caso da segunda matéria ao tratarmos do migrante guianense e também foi possível analisar qual o modo mais adequado de retratar a questão dos subempregos e exploração da mão de obra refugiada, como na quinta matéria.

7. Conclusão

A partir dos estudos apresentados durante os capítulos deste trabalho foi possível desenvolver o aparato necessário para analisar de forma mais completa a representação do migrante sulamericano na imprensa brasileira, em especial o caso dos refugiados venezuelanos. O objetivo principal era verificar quais os caminhos geralmente escolhidos pela imprensa para trazer informações referentes a essas pessoas, para isso nos debruçamos sobre cinco matérias do jornal paulista Folha de S.Paulo, publicadas em 2018.

Desse modo, respondemos à questão principal desse trabalho, que é por qual motivo existe orgulho na fala do descendente de migrantes europeus e por qual motivo o descendente de migrantes não-brancos muitas vezes são menos valorizados. A partir da bagagem histórico-social que pesquisamos foi possível perceber durante a análise das matérias vestígios de uma imprensa que ainda estigmatiza o migrante não-branco que se propõe a vir para o Brasil. A partir de matérias que enfatizam o aspecto violento do contingente migrante, ou então que os colocam como um inconvenientes para o governo ou ainda como pessoas vulneráveis, vimos também que a imprensa que no passado ajudou a sedimentar pensamentos racistas e xenófobos ainda mantém uma grande parte dessas suas estruturas de pé e funcionando.

A partir disso evidenciamos a importância do papel do jornalismo na percepção do cidadão comum sobre os indivíduos de outra nacionalidade e sobre como raramente essas pessoas têm a oportunidade de serem ouvidas e por isso apesar de serem o tema principal de um montante de notícias ainda estão em um certo tipo de passividade.

Foi importante notar que além da parte textual, alguns outros elementos também têm grande peso na percepção do leitor, como imagens e o layout das matérias publicadas e que todos eles atuam de forma conjunta para transmitir de forma mais eficaz os objetivos do veículo.

A relevância desse tema de pesquisa para o campo da comunicação é justamente perceber de qual modo algumas ideias problemáticas estão incrustadas em matérias do cotidiano e que são veiculadas para milhares de pessoas diariamente, e de qual forma isso afeta a realidade de pessoas que vivem em processo migratório.

Apesar de termos conseguido chegar a tais considerações é importante ressaltar que o tema não se esgota por aqui. Por se tratar de um fenômeno recente, existem inúmeros modos e direções que o tema pode ser explorado. Uma sugestão para pesquisa futura é

explorar de qual forma os discursos são construídos dentro das redes sociais, o que o brasileiro fala sobre o refugiado venezuelano nas redes é uma reflexão de qual modo a informação sobre essas pessoas está chegando até o internauta brasileiro.

Dentro dessa relação entre comunicação e estudos migratórios também é interessante pesquisar de que modo algumas minorias se inserem dentro desses movimentos, qual é o modo que as mulheres e os integrantes da comunidade LGBT são percebidos dentro desse grande e heterogêneo grupo que é o de refugiados e quais são suas demandas específicas. Precisamos também identificar outros tipos de interseccionalidades presentes dentro contexto maior de migração: de qual forma se insere o migrante transsexual venezuelano, o migrante negro, quais são as diferenças nas rotas entre migrantes ricos em seus países em comparação com as rotas de pessoas pobres. É importante também estudar as dinâmicas migratórias dentro do nosso continente e perceber de qual modo os países da América Latina e do Caribe que antes não se inseriam nas rotas tradicionais passam agora a se estabelecer como destinos e desenham novos movimentos migratórios.

8. Referências Bibliográficas

BAENINGER, R. Migração Transnacional: Elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R., et al. (Org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.p.13-43.

BAENINGER, Rosana. Contribuições da academia paraa o pacto global da migração: o olhar do sul. **Migrações sul-sul**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 17-22, 2018

BARRETO, Gustavo. **Dois séculos de imigração no Brasil**: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. Orientador: Mohammed ElHajji. 2015. 545 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BENGOCHEA, Julieta; SAUCEDO, Silvia Elena Giorguli. Retos metodológicos para el estudio de la migración intrarregional en america del sur. **Migrações sul-sul**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 54-65, 2018.

CANALES, A. y ROJAS M. (2018), “**Panorama de la migración internacional en México y Centroamérica**: documento elaborado en el marco de la Reunión Regional Latinoamericana y Caribeña de Expertas y Expertos en Migración Internacional preparatoria del Pacto Mundial para una Migración Segura, Ordenada y Regular”, serie Población y Desarrollo, N° 124 (LC/TS.2018/42), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL).

CELADE (Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía-División de Población de la CEPAL) (2018), “Banco de datos CELADE. Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica (IMILA)” Disponível em: < <https://celade.cepal.org/bdcelade/imila/>> Acesso em: 2 de novembro de 2019.

COGO, Denise Maria. **Multiculturalismo, comunicação e interculturalidade, cenários e itinerários conceituais. In Comunicação e multiculturalismo**; Cicilia Maria Krohling Peruzzo e José Benedito Pinho (org.). SP: Intercom Universidade do Amazonas, 2001.

COGO, Denise; BADET, Maria. **O Guia das Migrações Transnacionais e da Diversidade Cultural para Comunicadores**: Migrantes no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Humanitas Unisinos, 2013. 105 p. v. 1

DA SILVA, Camila Rodrigue. Migração de Venezuelanos para São Paulo: Reflexões iniciais a partir de uma análise qualitativa. **Migrações sul-sul**, Campinas, v. 1, ed. 1, p. 356-367, 2018.

DA SILVA, Sidney Antônio. Indígenas venezuelanos em Manaus: uma abordagem preliminar sobre políticas de acolhimento. **Migrações sul-sul**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 244-250, 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change** . Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 1992.

FÉLIX, Jackson; COSTA, Emily. Após ataques de brasileiros, 1,2 mil venezuelanos deixam o país: uma abordagem preliminar sobre políticas de acolhimento. **G1**, Boa Vista, v. 1, p. online, 19 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FIGUEIRA, M. S. (2017). Desenvolvimento econômico na cadeia global do petróleo: Venezuela e Arábia Saudita em perspectiva sistêmica. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis

FOUCAULT, Michel **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
GARCIA CASTRO, A. A. **Mendicidad indígena: los Warao urbanos**. Boletín Antropológico, Venezuela, n. 48, p. 79-90, 2000

HAAG, Carlos. Lilia Schwarcz: quase pretos quase brancos. **Revista Pesquisa**, 2007. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/>>

JIMENEZ, M. O bolívar venezuelano sofre uma nova desvalorização encoberta de 88%. In: **El País**. Publicado em 25 de março de 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/25/economia/1395740817_055663.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

MARINGONI, Gilberto; DA COSTA, Emília Viotti. **A Revolução Venezuelana**. Unesp, 2009.

MARTÍNEZ Pizarro, J. **Breve examen de la inmigración en Chile según los datos generales del Censo del 2002**. Santiago de Chile, Chile: CELADE/CEPAL/OIM, 2003.

MARTÍNEZ Pizarro, J.; RODRIGUEZ E., “**Panorama y desafíos de las tendencias y patrones de la migración latinoamericana y caribeña**”, inédito, 2017.

MEJÍA, W. (2018), “**Panorama de la migración internacional en el Caribe: documento elaborado en el marco de la Reunión Regional Latinoamericana y Caribeña de Expertas y Expertos en Migración Internacional preparatoria del Pacto Mundial para una Migración Segura, Ordenada y Regular**”, serie Población y Desarrollo, N° 122 (LC/TS.2018/28), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL)

NOGUEIRA, Oracy. 1955. “**Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**” em Anais XXXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo, vol. 1.

NUNES, Juliana César. Governadora de Roraima determina controle da fronteira venezuelana. **Agência Brasil**, Brasília, v. 1, n. 2097, 1 ago. 2018. Política, p. online. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2018-08/governadora-de-roraima-determina-controle-da-fronteira-venezuelana>. Acesso em: 4 nov. 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, J.C.J. **O transbordamento no Brasil da tensão na Venezuela**. Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=23850>>. Acesso em 24 de setembro de 2017.

SIMÕES, G. ; Cavalcanti, L.; Oliveira, T. ; Moreira, E. ; Camargo, J. Resumo executivo. **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: CNIg, 2017

VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como "ameaça" e chama refugiados de "a escória do mundo": uma abordagem preliminar sobre políticas de acolhimento. **Jornal Opção**, Goiânia, v. 1, n. 2097, 18 set. 2015. Cultural, p. online. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

9. Anexos

9.1. ANEXO A - Conflitos e doenças são comuns em abrigos

Conflitos e doenças são comuns em abrigos

DA ENVIADA A BOA VISTA

No início de janeiro, a bicicleta de um integrante do Corpo de Bombeiros Militar de Roraima sumiu enquanto ele fazia compras em uma farmácia, em Boa Vista. Dias depois, ele a reencontrou no abrigo para venezuelanos que supervisiona.

Instalado em um ginásio no bairro Tancredo Neves, na periferia da capital, o local é palco permanente de conflitos, envolvendo às vezes apenas imigrantes, às vezes também brasileiros.

O aumento do fluxo migratório de venezuelanos para Roraima gerou recrudescimento em problemas de segurança pública, inclusive o crime organizado, segundo o governo estadual.

Dados oficiais apontam que 33 dos 2.758 presos em Roraima são venezuelanos.

Cinco deles estariam ligados a facções criminosas.

Há algumas semanas, o comando do Corpo de Bombeiros Militar flagrou em um dos abrigos uma pichação com a inscrição PCC (Primeiro Comando da Capital), imediatamente apagada.

O governo disse acompanhar “as possibilidades de envolvimento, por meio de monitoramento dos presos”. A sensação da população, porém, é de insegurança.

PRECARIEDADE

Dos estimados 40 mil venezuelanos em Boa Vista, 495 residem no abrigo de Tancredo Neves. Estão, em geral, entre os imigrantes mais desassistidos.

No ginásio, a situação é precária, com barracas servindo de dormitório, refeitório e banheiro. Há poças de água e sujeira no chão.

Segundo os bombeiros militares, são constantes os conflitos, agravados pelo uso de drogas por alguns, além de doenças e fome. Sem controle de entrada e saída dos abrigados, problemas motivam reclamação dos moradores da vizinhança. A prostituição, que já ocorria, intensificou-se.

“A associação do bairro reclama dessa gestão, com razão”, admite Doriedson Ribeiro, comandante geral do Corpo de Bombeiros Militar. “Quando fecharmos os portões, faremos um pente-fino e ficarão apenas os mais vulneráveis, crianças, idosos.”

Em resposta à crise, estabeleceu-se uma queda de braço entre União, Estado e município. O governo de Roraima reclama de atuar sozinho. A prefeitura cobra ação da União, que diz colaborar com as outras esferas. (TB)

de documentos que os autorizem a trabalhar, muitos venezuelanos repetem a palavra fome quando instados a descrever seu estado.

A reportagem foi abordada diversas vezes no intervalo de duas horas com solicitações de dinheiro e informação.

Venezuelanos chegam ao Brasil sem saber que documentos devem carregar e quais pleitear. (TB)

› ELEIÇÕES

OPOSIÇÃO A MADURO VOLTA A NEGOCIAR

Principal aliança da oposição a Maduro, a Mesa da Unidade Democrática (MUD) retomará na segunda (29) as conversas com o governo para tentar dar fim à crise que engolfa o país. A MUD está proibida de concorrer como bloco na recém-antecipada eleição presidencial.

Fonte: Acervo Folha¹³

¹³Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48156&keyword=%22conflitos+e+doencas+sao+comuns+em+abrigos%22&anchor=6077317&origem=busca&pd=2032c61614633df90c844f4cf4f4977c>>. Acesso em: 10 setembro de 2019

9.2. ANEXO B – Da fome ao medo

MINHA HISTÓRIA
YADITZA ARISTIMUÑO

DA FOME AO MEDO

Falta de trabalho e de comida
motivou família a fugir da Venezuela
para o Brasil, onde se tornou alvo
de ataque com fogo em Boa Vista

RESUMO A família de Yaditza Aristimuño, imigrante venezuelana de 24 anos, foi vítima de ataque com fogo em Boa Vista (RR). O guianês Gordon Fowler foi preso sob suspeita de ter atestado fogo à casa abandonada onde vivem 14 imigrantes venezuelanos. O fogo atingiu a filha de Yaditza, Adeliannys, de três anos, que teve 25% do corpo queimado e está internada no hospital, e o mari-

do dela, Adelson Sanchez, 24, que recebeu alta neste domingo (18). Já ela sofreu queimaduras na perna. Yaditza e Adelson limpam o quarto onde ocorreu o incêndio. Eles continuam morando na mesma casa, só que em outro cômodo. Neste domingo, o dono do imóvel, invadido, foi até o local e declarou que os venezuelanos podem continuar vivendo lá, desde que ajudem a cuidar da casa.

Depoimento a

ANDRÉ COELHO
COLABORADOR PARA A FOLHA,
EM BOA VISTA (RR)

Estou no Brasil há pouco mais de um mês. Eu deixei a Venezuela com o meu marido e os meus dois filhos pequenos porque não havia mais trabalho, e estávamos enfrentando muitas dificuldades, inclusive com a falta de comida por diversas vezes.

Meu marido era pedreiro em Caracac, no Estado de Sucre, e eu fazia trabalhos temporários em casas de família,

limpeza urbana e outras coisas, que ajudavam a comprar pelo menos o que comer para a nossa família.

Mas, depois, o meu marido perdeu o emprego e não havia mais trabalho na nossa cidade. Foi quando decidimos vir para o Brasil, assim como muitos amigos.

Vendemos o resto das coisas que tínhamos e, com o dinheiro, chegamos a Pacaraima, de onde pegamos um ônibus para Boa Vista.

Ela estava confiante com as notícias que ouvia de outros venezuelanos, de que nós poderíamos conseguir



Yaditza Aristimuño com o filho mais novo, Yohandelso, 1, e o marido Adelson Sanchez na casa onde moram; na foto menor, ferimento na mão de Adelson

trabalho aqui no Brasil. Eu sempre conseguia comida e leite para os meus filhos, mas, exatamente um mês depois que nós chegamos, sofremos o ataque.

Eu não me lembro muito bem de nada porque era noite e estava escuro.

Acordei com o fogo pelo quarto e os gritos de meu marido [Adelson, 24] e de minha filha [Adelyannys, de três anos], que estavam com as roupas pegando fogo.

Quando percebi, eles já estavam em chamas. As outras pessoas com quem moramos vieram nos socorrer, mas o quarto todo já estava em chamas. Saímos correndo desesperados pela rua e um vizinho, também venezuelano, nos alcançou e levou meu marido e minha filha de bicicleta para o hospital.

Hoje estou traumatizada, não durmo em quartos com janelas, deixo sempre a luz acesa e tenho medo de andar na rua e ser atacada de novo.

Minha filha ainda está no hospital e meu sogro fica com ela para que eu cuide do meu filho menor e tente ganhar algum dinheiro vendendo bananas fritas nos semáforos.

O meu marido [que recebeu alta do hospital neste domingo, 18] não vai conseguir procurar emprego porque suas pernas ficaram muito queimadas.

Dias atrás, enquanto visitava meu marido no hospital, recebemos a visita de uma representante da Embaixada da Venezuela, que nos disse que receberíamos uma casa na Venezuela, entregue pelo próprio presidente Maduro.

Eu disse a ela que não queríamos uma casa e não termos o que comer?

Quero trabalho, mas sei que não há na Venezuela. Eu recebo muitas doações de brasileiros a quem agradeço muito, mas não quero viver de doações. Quero uma vida digna.



Maduro afirma que Peru não pode barrá-lo em cúpula

Após chanceler do país-sede ameaçar impedir sua entrada no país, governo da Venezuela eleva o tom e diz que participará de evento

DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

O governo venezuelano informou neste domingo (18) que Nicolás Maduro participará da Cúpula das Américas em 13 e 14 de abril.

A informação foi veiculada após Cayetana Aljovín, ministra de Relações Exteriores

do Peru, sede do evento, pedir ao ditador que desistisse de ir à cúpula por insistir em fazer eleições presidenciais sem garantia para a oposição.

O chanceler venezuelano Jorge Arreaza enviou carta à peruana. "Não está atribuída, de forma alguma, à República do Peru, nem a nenhum

outro Estado, a faculdade de decidir sobre a participação de nenhum Estado membro e fundador das reuniões da Cúpula das Américas. Confirmamos que Nicolás Maduro Moros assistirá pontualmente (...) à cidade de Lima."

Para ele, ao Peru "só corresponde estender a cortesia

do convite aos dignitários. Mas a peruana retrucou e reiterou que o Peru pode barrar a entrada de Maduro. "Todo Estado tem facultades e procedimentos administrativos para estabelecer medidas de diferente tipo quando uma pessoa não é bem-vinda", disse ao jornal "La República".

Para Caracas, o Peru atua com "evidentes motivações políticas". E Maduro diz que, "chova, troveje ou relampeje, por ar, terra ou mar", chegará à Cúpula "com a verdade da Venezuela".

Sobre as eleições venezuelanas, marcadas para 22 de abril, o pastor evangélico Ja-

vier Bertucci, da organização The Gospel Changes, lançou sua candidatura. "Quero trazer Jesus para esta nação"

A oposição diz que a eleição foi chamada sem tempo suficiente para prevenir fraude eleitoral ou intimidação.

A Colômbia já disse que não reconhecerá o pleito.

Fonte: Acervo Folha¹⁴

¹⁴ Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48182&keyword=%22da+fome+ao+medo%22&anchor=6078948&origem=busca&pd=bad8a2eefbc8a962b4606aa25a10f254>> Acesso em 10 de setembro de 2019.

9.3. ANEXO C – Venezuelanos sobrecarregam serviços

Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em RR, que vive crise fiscal

Hospitais lotados e aumento da prostituição e da violência são queixas dos moradores de Boa Vista

Patrícia Campos Mello e Anezer Prado

BOA VISTA/PAICARAIMA. Imagine-se a cidade de São Paulo recebesse 600 mil refugiados em apenas dois anos. É mais ou menos isso que está acontecendo com Boa Vista, capital de Roraima, e com o resto do estado — houve um aumento de 5% a 10% na população.

Boa Vista era repetidamente considerada uma das melhores cidades do Brasil para se viver: uma capital planejada, de ruas largas, que não tinha população de rua visível.

Agora, a cidade de 320 mil habitantes convive com 30 mil venezuelanos, sendo que 2.000 dormem nas calçadas, ao relento, e os outros moram em abrigos ou espremidos em quartos alugados insalubres.

O estado se esforça para absorver cerca de 50 mil venezuelanos que continuam em Roraima, dos 127 mil que emigraram para lá desde o fim de 2015, fugindo da crise política e humanitária na Venezuela.

"As pessoas reclamam muito, porque elas perderam seus espaços", diz Teresa Surita (MDB), prefeita de Boa Vista.

"É um momento novo para a gente. Em qualquer super-

mercado ou serviço público, tem venezuelanos abordando as pessoas, pedindo dinheiro".

O maior impacto foi na saúde. No Hospital Geral de Roraima, o número de atendimentos a venezuelanos subiu 2.643% — foram 628 em 2015 e 10.040 em 2018 até julho.

"Os insumos e medicamentos que pedimos para o ano já acabaram — faltam dipirona, soro, seringa", diz Marilene da Silva Moura, diretora do local. "Quando um venezuelano morre e não tem nenhum parente para identificar, o consúlio não ajuda e os corpos ficam no IML, um tempo".

No hospital materno-infantil de Boa Vista, houve um aumento de 122% no número de partos de venezuelanas: saíram de 566 (de um total de 9.358) em 2017 para 571 (de um total de 4.811) só nos primeiros seis meses de 2018.

O sarampo, que havia sido eliminado, voltou. Até 10 de agosto, Roraima já tinha 296 casos confirmados, sendo 201 de venezuelanos. Quatro pessoas morreram em decorrência da doença, que pode ser evitada com vacina. Mas o sarampo só voltou porque a cobertura vacinal no estado estava baixa.

O número de alunos venezuelanos matriculados na rede estadual passou de 12 em 2015 para 1.484. A prefeitura recebeu uma verba do governo federal para fazer salas de aula extras em contêineres.

O governo do estado cobra da União R\$ 184 milhões, que corresponderiam aos gastos extras decorrentes da entrada dos venezuelanos.

Roraima vive uma situação fiscal difícil. Cerca de 80% da receita do estado vem de repasses federais. O motor da economia é o funcionalismo público — a indústria é incipiente, e o setor agropecuário só agora retoma força.

A crise orçamentária é tão séria que o salário dos servidores públicos cai cada mês em uma data diferente, conforme disponibilidade de recursos. Desde o fim de 2017 há seguidos atrasos nesses pagamentos.

Os R\$ 190 milhões previstos na medida provisória anunciada pelo governo federal em fevereiro foram destinados à força-tarefa que cuida da acolhida humanitária, e a maior parte é usada na construção e gestão de abrigos.

"Como ignoraram nossos pedidos de recursos, vamos

ter que restringir o atendimento dos venezuelanos aqui. Se não podemos evitar que entrem, vamos diminuir o acesso a serviços de saúde de alguma maneira", diz a governadora, Suelly Campos (PP).

A governadora já publicou um decreto que restringe o acesso dos venezuelanos ao sistema de saúde, exigindo apresentação de passaporte, e pede ao governo federal o fechamento da fronteira. As duas medidas foram derrubadas.

Os venezuelanos são usados como bode expiatório para o aumento da violência no estado. Quase todos os candidatos ao governo estadual culpam os migrantes pela escalada na violência, citando que a estatística falsa de que 8 em cada 10 boletins de ocorrência registrados em Roraima envolvem venezuelanos — o número verdadeira é de 4 em cada 10, segundo a Polícia Militar.

Em Pacaraima, onde viviam apenas 5.000 pessoas na região central e agora existem de 500 a 700 venezuelanos morando nas ruas, os dados são mais preocupantes. Segundo a delegacia da cidade, 65% dos boletins de ocorrência registrados no município em 2018 envolviam venezuelanos.

"Não recebemos nem uma viatura a mais do governo federal para lidar com esse aumento de ocorrências", diz Edison Prola, comandante geral da PM em Roraima.

Outra fonte de reclamação da população local é a prostituição. "Nunca houve prostituição de rua aqui em Boa Vista, só em bares e boates. Agora, temos 600 prostitutas concentradas em alguns quarteirões, 90% venezuelanas", diz Prola.

As prostitutas eram conhecidas como as "ochentas", porque cobravam R\$ 80, preço inferior ao das colegas brasileiras. "Mas agora, com a chegada de mais gente, tem muita concorrência, e estamos cobrando R\$ 50", diz uma delas.

A insatisfação popular com a entrada dos venezuelanos tem sido explorada pelos políticos locais, que apostam no discurso xenófilo e no tema da insegurança.

"A insatisfação da população demonstra que o tema foi apropriado por segmentos políticos, pois a ausência de cidadania e representatividade dessas pessoas facilita a construção de uma narrativa de que a migração é responsável por todos os problemas

do estado", diz João Carlos Jarochinski, coordenador do curso de relações internacionais da Universidade Federal de Roraima, lembrando que o estado tinha um problema com facções criminosas e no sistema prisional muito antes da chegada dos venezuelanos.

"Vejo a imigração de venezuelanos como crise humanitária, a maior que o Brasil já enfrentou em todos os tempos. Mas não concordo com a forma pela qual a situação está sendo tratada", diz Shirley Rodrigues, que é colonista há 28 anos no jornal Folha de Boa Vista.

"Nosso estado é formado por pessoas que vieram dos mais diferentes lugares, somos todos imigrantes. Discriminar as pessoas que chegam aqui em busca de melhores condições é incentivar a violência".

Roraima é o estado menos populoso do Brasil, com 520 mil habitantes, e também um dos mais remotos — só é possível sair de lá de avião (uma passagem para São Paulo não custa menos que R\$ 800) ou de ônibus, passando por Manaus (quatro dias até São Paulo).

O processo de interiorização, pelo qual o governo federal leva venezuelanos de avião para outros estados com melhor infraestrutura, só levou 820 migrantes em seis meses.

O governo alega que não há vagas nos abrigos em outros estados e promete que levará outros 1.000 até o início de setembro.

Atualmente, grande parte dos migrantes de Roraima vai parar nas ruas, porque os dez abrigos existentes só têm 4.700 vagas e estão lotados.



Venezuelanos dormem ao redor da rodoviária de Boa Vista, capital de Roraima. Foto: Anezer Prado/Folhapress



Raio-X Boa Vista - Roraima	
População:	332 mil pessoas
PIB per capita	
Boa Vista	R\$ 12.327
Brasil	R\$ 28.876
População com renda mensal inferior a meio salário mínimo	35,5%*
População ocupada	28,5%**
População servida por esgoto e saneamento	
Boa Vista	54,1%*
Brasil	66%*
IDH: 0,752* (IDH do Brasil: 0,754)	

*2010 **2018. Fonte: IBGE

Fonte: Acervo Folha¹⁵

¹⁵ Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48425&keyword=%22migrantes+vivem+cotidiano+de+fome+%22&anchor=6097361&origem=busca&pd=a43201db0195a989d75ba004cb3d6fd9>> Acesso em 10 de setembro de 2019.

9.4. ANEXO D – Migrantes vivem cotidiano de fome

Migrantes vivem cotidiano de fome, preconceito e violência

BOA VISTA Sempre quando chega a hora das refeições dos pacientes, 1h30 e 17h30, o Hospital Geral de Roraima fica cheio de venezuelanos. Muitos pegam pulseirinhas de identificação que foram jogadas no lixo e se fingem de acompanhantes de pacientes, para poder comer.

Outros entram no pronto-socorro e dizem estar com muita dor de cabeça, para serem internados e ganharem um almoço.

"A doença da maioria dos venezuelanos que chegam aqui é a fome", diz Marilene da Silva Moura, diretora do hospital. O cotidiano dos venezuelanos que vivem em Roraima é feito de pequenas e grandes indignidades.

Yosmal Sanchez, 38, está preso à máquina de hemodialise do hospital porque não tinha dinheiro —nem conseguia encontrar em Caracas— um simples remédio para pressão alta. O remédio de que ele precisava custa R\$ 7 ao mês no Brasil, isso quando não é distribuído de graça. Mas Yosmal deixou de tratar sua hipertensão quando perdeu o emprego na

Venezuela. Ele trabalhava nas obras do metrô de Caracas, da Odebrecht, que foram paralisadas. Acabou com insuficiência renal.

Segundo a prefeitura de Boa Vista, 63% dos venezuelanos na cidade estão desempregados e 10% deles vivem em espaços públicos.

Roselis Triara, 35, é uma delas. Faz dois meses que dorme na calçada em frente à rodoviária com sua filha Kristal, 5, o marido Carlos, 36, e o primo Darwin, 30.

Usa o banheiro da rodoviária e paga R\$ 5 no cibercafé para falar com os dois filhos que deixou em Caracas.

"Nós, venezuelanos, éramos ricos e não sabíamos. Nunca imaginei que ia acabar dormindo na rua", diz Roselis. O marido era motorista de lotação e o irmão, sapateiro. Perderam o emprego. Ela já pediu para ser transferida para um abrigo em Boa Vista, mas a resposta é sempre a mesma: não há vagas. Seu sonho é ser enviada para São Paulo.

Alexander Perez, 52, vendeu ospneus e a bateria de seu Fiat Palio 98 pelo equivalente a R\$ 122 para pagar a viagem de

sua cidade, El Tigre, até Pacaraima. Era dono de uma oficina mecânica na Venezuela.

"Lá ninguém vai na oficina. Quando o carro quebra, eles encostam".

Ele agora bate de porta em porta em Boa Vista e se oferece para capinar, limpar ou

consertar qualquer coisa. Ganha, com sorte, R\$ 50 por dia —menos do que ganharia um brasileiro. Mas não reclama.

"Capinando um dia eu ganho mais do que a minha esposa em um mês, dando aulas na universidade."

Desde o fim de 2014, 2,2 mi-

lhões de venezuelanos deixaram o país, fugindo da crise política e humanitária. O Brasil recebeu 127 mil, mas mais da metade já deixou o país.

Frequentemente, eles são alvo de preconceito em Roraima. Em Boa Vista, por exemplo, a polícia está fazendo batidas para combater o aumento de roubos de bicicletas.

Os venezuelanos que estão pedalando sem a nota fiscal têm sua bicicleta apreendida. "Mas quem é que sai na rua carregando nota fiscal da bicicleta?", pergunta a prostituta venezuelana Mary, que teve sua bicicleta confiscada.

O venezuelano Raymundo Campos, de 23 anos, morreu na semana passada com uma facada na costela por causa de uma caixa de som portátil, na frente do quarto que dividia com a família. Um brasileiro tentou roubar o objeto e o esfaqueou. A família telefonou para o Samu, mas o atendente foi rispido: "Não somos serviço de táxi para venezuelano". Quando a ambulância chegou, uma hora depois, Raymundo estava morto.

Sua mãe, Belks Campos, 47, desesperou-se e foi com um

grupo de venezuelanos até uma casa onde achava que o assaltante estivesse.

O dono do lugar chamou a polícia e disse que havia prostitutas venezuelanas tentando entrar lá. Belks foi presa, acusada de tentativa de roubo de um celular e levada, algemada, para a delegacia. Passou a noite na cela. Teria perdido o velório do filho, não fosse a ajuda de uma ONG.

"Não somos todos maus, não somos das prostitutas", diz Belks, que catatinhas em Boa Vista. Seu filho Raymundo parou de prato.

Belks saiu de Caracas seis meses atrás porque está com câncer de mama e não conseguia tratamento.

"Esse sangue que caiu no solo não será desperdiçado, vai lavar cada um dos venezuelanos que continuam chegando aqui", dizia o padre mexicano Elias Árryoy Roman, no velório onde alguns poucos venezuelanos se aglomeravam em torno do caixão.

Belks faria um exame naquela semana, para depois ser operada —mas faltou a consulta médica porque estava enterrando o filho. **PCM e AP**



Enterro do venezuelano Raymundo Campos, em Boa Vista

Fonte: Acervo Folha¹⁶

¹⁶ Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48425&keyword=%22migrantes+vivem+cotidiano+de+fome+%22&anchor=6097361&origem=busca&pd=a43201db0195a989d75ba004cb3d6fd9> > Acesso em 11 de janeiro de 2019.

9.5. ANEXO E – Refugiados trabalham por menos



Refugiados trabalham por menos que o salário mínimo em Roraima

Van Boechat

PACARAIMA Quando Juan García viu a casa que seria seu lar em território brasileiro, pensou no mínimo Jesus na manjedoura.

Não que o venezuelano de 35 anos seja religioso, mas os animais que estavam vivendo no local oferecido por seu empregador o fizeram lembrar da imagem bíblica. “Quando aquele cavalo ali, os insetos, a sujeira, na hora eu falei comigo mesmo: ‘É isso, estou renascendo, como Jesus, numa manjedoura’”, conta.

Juan (os nomes dos venezuelanos foram trocados para preservar a identidade deles) passou nas ruas de Pacaraima, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, dormindo sob marquises ou nas praças e sem dinheiro para comer. Fundador de uma fazenda, ele ganha R\$ 300 por mês para trabalhar seis dias por semana.

“Agora, passada a alegria de ter comida, um teto e a perspectiva de ter algum dinheiro para enviar para minha família, me dou conta de como estão se aproveitando de mim”, diz.

A casa em que Juan vive não tem portas nem janelas. É, na prática, um pequeno estábulo, sem assolho, feito de troncos de árvores e uma pequena cobertura, onde vivia um cavalo. “Faz frio de noite aqui, e o pobre cavalo se abrigava onde estou morando, mas é pequeno demais, não havia espaço para nós dois”, conta Juan.

Para escapar do frio, ele montou uma barraca dentro do abrigo e conseguiu fazer um “gato” para ter luz elétrica. Como ele, outros dez venezuelanos estão trabalhando na fazenda, ganhando R\$ 300 por mês, com exceção do capataz, também venezuelano, que recebe R\$ 600.

Recebem três refeições ao dia, mas o cardápio não varia muito: arroz ou macarrão com salada no almoço e no jantar.

Assim como ele, centenas de venezuelanos que estão chegando ao Brasil vêm se tornando vítimas de brasileiros que se aproveitam da situação de vulnerabilidade dos imigrantes para explorá-los. Eles estão sendo contratados a salários abaixo do mínimo para trabalharem por longas jornadas. Dezenas de venezuelanos já foram resgatados por autoridades brasileiras por estarem trabalhando em situação análoga à escravidão.

“É um problema que tem crescido de forma acelerada, só neste ano as denúncias aumentaram mais de 100% em relação a 2017”, diz a procuradora do Ministério Público Federal do Trabalho em Boa Vista, Sáfira de Araújo Campa.

Os casos não ocorrem apenas nas áreas rurais. Em Pacaraima é difícil encontrar algum comércio que não tenha venezuelanos trabalhando de forma irregular. Samuel Frazz, 37, trabalha de domingo a domingo num mercado. “Nós sabemos que estamos sendo explorados, mas que vou fazer? Voltar para a rua? Nem pensar, assim está bom”.

O presidente da Associação Comercial de Pacaraima, Cleber Soares, reconhece que há irregularidades no comércio local, mas minimiza a questão. “Na maior parte que estou ajudando, que estão se regularizando”, diz.

Fonte: [folha.com.br](https://www.folha.com.br)

Gov. da Nicarágua faz campanha de repressão, diz ONU

Relatório cita detenções ilegais, tortura e julgamentos a portas fechadas; mais de 300 pessoas já morreram na prisão

OSANGE DE MEDEIRO Relatório da ONU divulgado nesta quarta-feira (29) sobre os quatro meses de instabilidade na Nicarágua descreve um esforço de repressão abrangente por parte do governo, que vai das ruas às cortes.

O relatório elaborado pelo Alto Comissariado de Direitos Humanos insinua o governo do ditador Daniel Ortega a interromper as perseguições aos manifestantes e a desarmar civis armados que têm sido responsáveis por mortes e detenções arbitrárias no país centro-americano.

Mais de 300 pessoas foram mortas desde meados de abril na Nicarágua. A vizinha Costa Rica recebeu milhares de pedidos de asilo.

O relatório cita detenções ilegais, tortura e julgamentos a portas fechadas. Médicos, professores e juizes que se posicionaram ou protestaram foram detidos para descredenciar pessoas de participar ou apoiar os protestos.

“O nível de perseguição é tal que muitos daqueles que participaram nos protestos, defensores dos direitos dos manifestantes ou simplesmente expressaram opiniões dissidentes foram forçados a se esconder, deixaram a Nicarágua ou estão tentando fazê-lo”, afirma o relatório.

Zeid Ra'ad al-Hussein, comissário de direitos humanos da ONU, disse a jornalistas em Genebra, na Suíça, que a repressão e a retaliação contra manifestantes continua na Nicarágua enquanto o mundo olha para o outro

lado”. Ele instou a comunidade internacional a “tomar ações concretas para impedir que a atual crise na Nicarágua desça ao nível de distúrbio político e social ainda mais profundo”.

Em abril, aposentados e estudantes marcharam em protesto contra o corte de benefícios sociais por Ortega. Eles foram confrontados com violência de apoiadores do governo. O ditador acabou desistindo das mudanças, mas os protestos evoluíram para demandas de que ele renunciasse.

Estudantes universitários lideraram os protestos, invadindo uma série de campi universitários. Em julho, o governo colocou nas ruas forças civis armadas pesadamente para trabalhar junto com a polícia no desmantelamento das bar

ricas que haviam sido erigidas em avenidas estratégicas e alguns bairros.

Houve um diálogo curto entre governo e opositores, mas Ortega acusou a Igreja Católica que mediavam o esforço de fazerem parte de uma conspiração para derrubá-lo, e as conversas não prosseguiram. Ele diz que não renunciaria antes do fim do seu mandato, previsto para terminar em 2021.

Os protestos continuam, mas em menor escala, já que muitos líderes estudantis foram presos ou forçados ao exílio ou a se esconderem.

“Hoje não há condições para o exercício livre e seguro dos direitos de liberdade de expressão, livre assembleia e associação”, afirma o relatório da ONU.

A missão da ONU obteve dados apesar dos obstáculos do governo. Membros da equipe não puderam ter acesso a agências do governo ou a audiências de julgamento daqueles acusados de crimes que vão desde crime organizado a terrorismo por terem participado dos protestos.

Quando a equipe tentou viajar para fora da capital, o Ministério das Relações Exteriores proibiu, citando razões de segurança.

Detenções arbitrárias são feitas sem mandados de prisão ou de busca. Os detidos ficam sem comunicação por dias até que suas famílias descubram onde estão. Para a ONU, trata-se de tentativas de adiar os procedimentos.

Associated Press

afirmar o presidente a ditar o fluxo como um problema para manter a campanha de vacinação.

A ONU afirmou nesta semana que a crise venezuelana se aproxima, em termos de emergência, do exodo de africanos e povos do Oriente Médio pelo mar Mediterrâneo, com 2,3 milhões de pessoas tendo deixado o país — ou 7,5% da população, dois terços dos quais após 2015.

Desde então Brasil recebeu desde mais de 120 mil venezuelanos, metade dos quais continua no país, segundo o governo federal, sobretudo em Roraima.

A meta é levá-los a outros estados, mas o programa de interiorização do governo avança com lentidão.

A Colômbia, que pede um representante especial da ONU para lidar com a crise, recebeu 870 mil.

Os migrantes cruzam as fronteiras para fugir de um cotidiano de desabastecimento, hiperinflação e falta de segurança sob o regime de Nicolás Maduro.

“Há tempos propusemos ajuda humanitária com alimentos e remédios, e o governo recusou. O governo recusa lá, e os venezuelanos vêm para cá. O ideal para nós é que eles recebessem nossa ajuda humanitária e pudessem permanecer em seu país”, afirma Temez.

O presidente reassalou, contudo, que a política do Brasil é de acolhimento de refugiados, o que significa que a fronteira não deve ser fechada — a governadora Suelly Campos (PP) defende o fechamento.

Temez autorizou o emprego das Forças Armadas em Roraima a partir desta quarta, quando militares passarão a atuar nas faixas de fronteira norte e leste e nas rodovias federais. O decreto emitido na terça (28) a princípio vale por duas semanas.

O volume de recém-chegados ao estado, com 520 mil habitantes, chegou a 10 mil

sistemas de saúde, segurança e educação e levou Campos a pedir assistência financeira federal (sem sucesso).

O fluxo também estimula o xenofobia, culminando em confrontos e perseguição de venezuelanos por brasileiros na região de fronteira.

Imigrante que 'lava privadas' deveria voltar, diz Maduro

CARACAS O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, pediu nesta terça-feira (29) aos imigrantes venezuelanos que abandonaram o país em meio à severa crise econômica a que parem de lavar privadas no exterior e retornem.

“Digo a vocês venezuelanos [...] que querem regressar da escravidão econômica: deixem de lavar privadas no exterior e voltem para sua pátria”, disse Maduro na assinatura de convênios petrolíferos, transmitido em rede nacional de rádio e televisão.

Segundo Nicolás Maduro, venezuelanos que emigraram para o Peru seguirão “caminhos de seriedade” apenas encontraram “racismo, desprezo, perseguição econômica e escravidão”.

“Não é possível que alguns venezuelanos que foram lavar privada no exterior tenham ido como escravos econômicos porque escutarum que era preciso abandonar seu país”.

O governo socialista atribuiu o exodo a uma “campanha da direita” e diz estar seguro de que os emigrantes voltarão após os resultados de medidas econômicas que entram em vigor há uma semana.

Fugindo da crise econômica, da hiperinflação e do desabastecimento, milhares de venezuelanos fugiram nas últimas semanas para Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Chile, gerando tensões.

AP

“O nível de perseguição é tal que muitos dos que participaram dos protestos ou expressaram opiniões dissidentes foram forçados a se esconder, deixaram a Nicarágua ou estão tentando fazê-lo

Relatório da ONU



REPRESA TRANSBORDA EM MIANMAR

Fonte é danificada pela enchente em Swa; mais de 50 mil pessoas tiveram que deixar suas casas em dois vilarejos depois de problema em dique

Não há violação de direitos humanos, diz Myanmar

YANGON Myanmar rejeitou nesta quarta-feira (29) relatório em que investigadores da ONU pedem que Exército seja processado pelo genocídio da minoria rohingya, dizendo que o texto faz “alegações falsas”.

O relatório marca a primeira vez em que a organização pede que autoridades de Myanmar sejam acusadas de genocídio. Até agora, a ONU chamava a campanha de repressão contra os rohingyas de limpeza étnica.

“Nossa posição é clara, e quero dizer que não aceitamos mais ser resoluções

conduzidas pelo Conselho de Direitos Humanos”, afirmou o porta-voz Zaw Htay.

O porta-voz afirmou que o país tem uma política de “tolerância zero contra violações de direitos humanos” e estabeleceu uma comissão de inquérito para responder às “falsas alegações” feitas pela ONU e “outras comunidades internacionais”.

Neste ano, o governo de Myanmar criou um painel com dois membros nacionais e dois internacionais a diplomata filipina Rosario Marialo e o esenbador do Japão Iimura à ONU Kenzo Oshima

O governo da líder Aung San Suu Kyi afirmou que o Exército do país respondeu a uma ameaça legítima imposta por militantes rohingyas, que atacaram postos da polícia no estado de Rakhine. “Se houver qualquer problema de direitos humanos, apenas nos dê evidências fortes, históricas e dadas por que possamos adotar medidas legais contra aqueles que quebrem as leis”, disse Zaw Htay.

Cerca de 200 mil rohingyas fugiram da repressão em Rakhine para Bangladesh desde agosto do ano passado.

Reuters

Fonte: Acervo Folha¹⁷

¹⁷Disponível: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48431&keyword=%22refugiados+trabalham+por+menos+que+o+salario+minimo+em+Roraima%22&anchor=6097805&origem=busca&pd=cde00dc11106b80de58160dc7dfe6c9>> Acesso em 11 de setembro de 2019.